

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA (FEFD)
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Milena Louise Rodrigues Rosa

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA FEFD/UFG.**

Goiânia
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Milena Louise Rodrigues Rosa

Título do trabalho: Gênero, sexualidade e formação docente em Educação Física: uma análise da produção acadêmica da FEFD/UFG

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 08/04/2022, às 10:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MILENA LOUISE RODRIGUES ROSA, Discente**, em 12/04/2022, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_org_ao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2820177** e o código CRC **45136FFF**.

Milena Louise Rodrigues Rosa

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA FEFD/UFG.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino.

Goiânia
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

ROSA, Milena Louise Rodrigues
GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE EM
EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA
FEFD/UFG. [manuscrito] / Milena Louise Rodrigues ROSA. - 2022.
65 f.

Orientador: Profa. Dra. Aline da Silva NICOLINO.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Educação Física, Goiânia, 2022.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui lista de figuras.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Escola. 4. Formação Docente. 5.
Educação Física. I. NICOLINO, Aline da Silva, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **06/04/2022**, às **08 horas**, de forma **virtual**, por meio de **videoconferência via Google Meet**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Gênero, sexualidade e formação docente em Educação Física: uma análise da produção acadêmica da FEFD/UFG”**, de autoria de **Milena Louise Rodrigues Rosa**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Aline da Silva Nicolino - orientadora FEFD/UFG** com a participação da demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia - FEFD-UFG** e **Prof. Dr. Sergio de Almeida Moura - FEFD-UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **10,0 (dez)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Silva Nicolino, Professor do Magistério Superior**, em 08/04/2022, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio De Almeida Moura, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lênin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 08/05/2022, às 13:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2820176** e o código CRC **DC5AD79B**.

Referência: Processo nº 23070.018331/2022-91

SEI nº 2820176

Milena Louise Rodrigues Rosa

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA FEFD/UFG.**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 06 de abril de 2022.

RESUMO

Este estudo objetiva identificar a quantidade de monografias que discutem gênero e sexualidade nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG), entre os anos de 1994 e 2021, de forma a mapear quais temas foram estudados e em quais contextos. Objetiva, ainda, levantar e analisar os trabalhos que tratam sobre gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física Escolar, no sentido de identificar a quantidade da produção sobre cada tema; quem escreveu e sobre o que; as demandas que justificaram a realização do estudo e suas finalidades. Para isso, valeu-se da pesquisa do tipo descritiva e documental para realizar o mapeamento, estipulando como critério de análise as demandas que levaram a/o graduanda/o discutir essas temáticas na monografia, os objetivos e os resultados encontrados. Ao todo, foram encontrados 1493 trabalhos produzidos na FEFD/UFG nesse período, porém somente 31 (trinta e um) tratavam sobre as questões de gênero e sexualidade. As informações levantadas foram sistematizadas e divididas em subtemas que mais apareceram nas produções, quais foram: Educação Física Escolar (10), Esporte (8), Formação (6), Lutas (4) e Práticas Corporais (2). Durante o levantamento foram encontradas 10 (dez) monografias que discutem sobre gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física Escolar, tendo como principal discussão a importância de abordar gênero e sexualidade durante a formação inicial e continuada da/o professora/r. Identificou-se que a falta de discussão sobre as questões de gênero e sexualidade no processo de formação docente (inicial e continuado), impacta na falta de identificação, compreensão e mediação dessas questões na prática pedagógica, reverberando em silenciamentos e, algumas vezes, em práticas sexistas e discriminatórias, (re)produzindo a lógica heteropatriarcal e sexista vigente.

Palavras-chave: Educação Física, gênero, sexualidade, escola, formação docente.

ABSTRACT

This study objective identifies the number of monographs that discuss gender and sexuality in the Licentiate and Bachelor's degrees in Physical Education, at the Faculty of Physical Education and Dance of the Federal University of Goiás (FEFD/UFG), between 1994 and 2021, in order to map which themes were studied and in which contexts. It also aims to raise and analyze the works that deal with gender and sexuality in Physical Education classes at School, in order to identify the amount of production on each theme; who wrote it and about what; the demands that justified the study and its purposes. For this, descriptive and documentary research was used to carry out the mapping, stipulating as analysis criteria the demands that led the undergraduate student to discuss these themes in the monograph, the objectives and the results found. In all, 1493 works produced at FEFD/UFG were found during this period, but only 31 (thirty-one) dealt with issues of gender and sexuality. The information collected was systematized and divided into sub-themes that appeared the most in the productions, which were: School Physical Education (10), Sports (8), Training (6), Fights (4) and Body Practices (2). During the survey, 10 (ten) monographs were found that discussed gender and sexuality in School Physical Education classes, with the main discussion being the importance of discussing gender and sexuality during the initial and continuing education of the teacher. It was identified that the lack of discussion on gender and sexuality issues in the teacher training process (initial and continuing), impacts on the lack of identification, understanding and mediation of these issues in pedagogical practice, reverberating in silencing and, sometimes, in sexist and discriminatory practices, (re)producing the prevailing heteropatriarchal and sexist logic.

Keywords: Physical Education, gender, sexuality, school, teacher training.

“E um homem não me define / Minha casa não me define / Minha carne não me define / Eu sou meu próprio lar”

(Francisco, el Hombre, 2016)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim, que não desisti mesmo depois de todos os acontecimentos nesses últimos anos. Agradeço à minha família e amigas/os pelo amor e paciência. Também agradeço à professora Aline da Silva Nicolino por me orientar desde 2017, por quem eu tenho muita admiração e respeito. E agradeço ao professor Lênin Tomazett Garcia, por ser um pai na graduação para mim, com sábias palavras de compreensão e ensinamentos; e também à professora Sissilia Vilarinho Neto por toda benevolência que teve comigo neste período. Por fim, agradeço ao professor Sérgio de Almeida Moura, por ter aceitado o convite especial de compor a banca de defesa.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| GRÁFICO 1 – MONOGRAFIAS DIVIDIDAS POR SUBTEMAS..... | 25 |
| FIGURA 1 – MONOGRAFIAS COM SUBTEMA ESCOLA..... | 26 |
| FIGURA 2 – MONOGRAFIAS COM SUBTEMA ESPORTE..... | 30 |
| FIGURA 3 – MONOGRAFIAS COM SUBTEMA FORMAÇÃO E PESQUISA..... | 33 |
| FIGURA 4 – MONOGRAFIAS COM SUBTEMA LUTAS..... | 35 |
| FIGURA 5 – MONOGRAFIAS COM SUBTEMA PRÁTICAS CORPORAIS..... | 37 |
| FIGURA 6 - LEVANTAMENTO EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (QUALIS A2 A B2), REFERENTES ÀS INFORMAÇÕES DO DESCRITOR, TÍTULO DO ARTIGO, AUTORIA E ANO DE PUBLICIZAÇÃO..... | 40 |
| FIGURA 7 – MONOGRAFIAS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR..... | 46 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| CAPÍTULO I - PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE...19 | |
| 1.1 Gênero e Sexualidade..... | 19 |
| 1.2 Mapeamento e Análise das Monografias | 22 |
| CAPÍTULO II - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA.....39 | |
| 2.1 Revistas Científicas..... | 39 |
| 2.2 Análise das Monografias sobre Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar..... | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 55 |
| REFERÊNCIAS..... | 58 |
| APÊNDICE | 62 |

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivos investigar quem, o quê, quando e em quais espaços as questões de gênero e sexualidade são apresentadas nas monografias desenvolvidas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG), de modo a identificar e mapear quantas monografias foram produzidas entre os anos de 1994 e 2021 e quais tratavam sobre as questões de gênero e sexualidade nas aulas de educação física escolar. Para isso, analisou-se as demandas, os objetivos e os resultados apresentados nessas produções, no sentido de conhecer o que chamou mais a atenção das/os estudantes e quais as dificuldades e/ou possibilidades apresentadas para lidar com os temas na escola.

O interesse em realizar esta pesquisa partiu das observações das aulas realizadas durante o curso de licenciatura em Educação Física. Durante as vivências nas aulas práticas de algumas modalidades esportivas, como o futebol e o handebol, observei argumentos e atitudes sexistas e machistas produzidos por discentes, expressos na forma de piadas ou chacotas. Recordo de um momento da aula em que ao dividir a turma entre homens e mulheres, para dar início a um jogo de futebol, foram proferidas frases como “as meninas são muito fracas para jogar com os meninos”, “elas não sabem nem chutar” e “as meninas são devagar¹”. Falas preconceituosas relacionadas às questões de gênero eram tratadas com ‘naturalidade’ pelos colegas de classe, em que traziam a heteronormatividade como modelo e regra. E também ocorreu um certo silenciamento dos/as docentes. pelas As diferenças entre as pessoas eram transformadas em desigualdades, prevalecendo um discurso alicerçado nas ciências biomédicas, no qual majoritariamente as diferenças anatômicas e fisiológicas são entendidas como inatas (NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019).

Isto é, as diferenças relacionadas aos aspectos fisiológico e anatômico estavam orientando a divisão entre alunas e alunos durante algumas aulas e reforçando as diferenças de traços de personalidade, movimento corporal, comportamentos, interesses, modos de vestir, capacidades, habilidades. Discursos que não levam em conta que uma pessoa é produto da interação no contexto social que está inserido/a (GOELLNER *et al.*, 2017).

Presenciei também comentários pejorativos sobre orientação sexual e brincadeiras preconceituosas, como afirmar que ser goleiro é “coisa de veado” e/ou de “louco”; e que determinado movimento de chute é considerado um "movimento gay". A temática

¹ Em diferentes momentos durante a minha formação presenciei distintas linguagens generificadas e que neste trabalho optei por essas falas, em virtude de expressarem um discurso machista dentro do meio acadêmico.

sexualidade é, até mesmo dentro da graduação, algo velado durante as aulas como se a sexualidade fosse um tabu e não fossemos nos deparar com esta questão dentro das escolas.

Observei um silenciamento docente e discente diante de comentários pejorativos e situações preconceituosas durante as aulas na graduação, os quais me incomodavam. Acredito que o silenciamento durante o processo de formação inicial pode refletir em aulas de educação física escolar, como descrevem Aline Gomes Machado e Roberto Gondim Pires (2016, p. 371) ao afirmarem que “as causas desse silenciamento e dessa negação por parte dos professores podem ter origem na construção social, cultural, como também na formação acadêmica”. Portanto, a ausência de discussão e posicionamento durante a graduação irá ter reflexos nas aulas de Educação Física escolar. Machado e Pires (2016, p.372) também afirmam que o silenciamento e a negação da homossexualidade das/os estudantes corrobora para manutenção da supremacia heterossexual. A autora Louro (1997, p. 67 e 68) afirma o seguinte sobre este silenciamento quanto a sexualidades diferentes da heterossexualidade:

Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento — a ausência da fala — aparece como uma espécie de garantia da "norma". A ignorância (chamada, por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos "bons" e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Indago-me se esses comentários pejorativos que aparecem durante as aulas práticas esportivas de Educação Física de forma explícita, velada ou mesmo oculta, devem ser silenciados ou transformados em objeto de intervenção pedagógica, como questionam as autoras Helena Altmann, Eliana Ayoub e Silvia Cristina Franco Amaral (2011). As quais ainda mostram que a escolha entre essas perspectivas pode ser pensada como uma estratégia docente a ser considerada no planejamento e na execução das aulas.

Partindo do inconformismo sobre tais questões vivenciadas durante o processo de formação, decidi investigar o que havia de produção monográfica sobre as discussões de gênero e sexualidade na FEFD/UFG, contemplando um período de mais de duas décadas (1994-2021). A escolha por esse material se deu por entender que constitui uma importante fonte de pesquisa para identificar o quê e como essas questões estão sendo identificadas, compreendidas e problematizadas por estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

Para realizar esta pesquisa, foram propostos os seguintes objetivos:

- Fazer um levantamento das monografias desenvolvidas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG), que tratam sobre as questões de gênero e sexualidade, entre os anos de 1994 e 2021, de forma a identificar quais temas foram estudados e em quais contextos;

- Identificar e mapear o que foi publicado em periódicos científicos sobre gênero e sexualidade dentro da Educação Física Escolar, no sentido de verificar como essa discussão está sendo publicizada ao longo dos anos, quais são as/os autoras/es e o que vem sendo discutido sobre essas questões no contexto escolar;

- Analisar questões sobre gênero e sexualidade na Educação Física Escolar que são apresentadas nas monografias da FEFD/UFG, no sentido de identificar a quantidade de produção; quem escreveu e sobre o que; as demandas que justificaram a realização do estudo e suas finalidades; e quais foram as discussões mais potentes dentro da Educação Física Escolar.

Para investigar os objetivos propostos esta pesquisa se valeu da abordagem quali-quantitativa tendo em vista que a “pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos” (SCHNEIDER; FUJII; CORAZZA, 2017, p.570). Neste caso, é realizado um levantamento de monografias produzidas num determinado período de tempo delimitando a quantidade, e posteriormente, é realizada a análise da produção documental.

Para realizar esta pesquisa utilizou-se metodologia do tipo descritiva por permitir utilizar técnicas padronizadas para a coleta das informações, visando conhecer e interpretar a realidade sem interferir nela para modificá-la (GONSALVES, 2007; RUDIO, 1990). Já em relação aos procedimentos, a metodologia aplicada nesta pesquisa é documental, tendo em vista que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos (MARCONI; LAKATOS, 2003). Os documentos aqui analisados são uma fonte ‘natural’ de informação, não sendo apenas uma fonte de informação contextualizada, mas também proporcionam compreender o contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

As monografias produzidas no fim da formação acadêmica possibilitaram compreender a realidade do local de produção, as discussões dos/as autores/as e analisar os

discursos presentes na sua época de produção. A monografia é um importante meio de sistematização de demandas vivenciadas no processo de formação (vivências do cotidiano acadêmico, estágio, trabalho e pessoal), e, portanto, de divulgação sobre as questões de gênero e sexualidade (NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019).

O processo se deu, primeiramente, através de um levantamento da produção científica sobre gênero e sexualidade voltado para o contexto escolar, recorrendo aos periódicos da área 21 (Educação Física). A busca foi realizada em 10 revistas de maior qualis Capes da Educação Física, realizada no período de fevereiro e março de 2022, utilizando os seguintes descritores: gênero and escola e sexualidade and escola, sem o uso de aspas, para ampliar as pesquisas sobre os temas. Buscou-se artigos científicos voltados para educação física escolar em qualquer ano de publicação e em português.

Para realizar o levantamento de periódicos da área da Educação Física, levou-se em consideração a avaliação da CAPES do quadriênio (2013-2016), recorrendo às revistas de qualis A2 a B3, e por publicizar temas do campo sócio-pedagógico, são elas: Revista Movimento (A2), Revista da Educação Física/UEM (B1), Motriz (B1), Revista Brasileiro de Ciências do Esporte (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (B1), Revista Motrivivência (B2), Revista Pensar a Prática (B2), Revista Motricidade (B1), Revista Ciência e Saúde Coletiva (B1), e Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte (B3). O levantamento realizado em periódicos da área, busca identificar como está sendo publicizada cientificamente as discussões sobre gênero e sexualidade dentro da Educação Física Escolar.

Acredito que esta monografia é significativa para o campo da Educação Física, por apresentar, dentro de um determinado contexto de formação docente uma demanda presente na escola, anunciada em olhares, silenciamentos, piadas, conversas informais e/ou intervenções pedagógicas, as quais são identificadas e sistematizadas por estudantes em diferentes espaços de manifestação da cultura corporal. Isto é, parto do pressuposto que a escolha em transformar tais temas em um produto de finalização do curso, pode sinalizar o quanto as discussões estão presentes e o quê e, ao mesmo tempo, ausentes na formação.

Compreendo, nesse sentido, que esta pesquisa se justifica pela necessidade de discutir temas que constituem as manifestações corporais em nossa sociedade e nos atravessam cotidianamente. Para melhor compreender essas questões, recorro aos conceitos de gênero e sexualidade apresentados por Guacira Louro, ao trazer que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e

culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p. 18).

Entendo ser importante discutir e proporcionar espaços de reflexão e de produção do conhecimento sobre as questões de gênero e sexualidade durante a formação acadêmica, para “repensar os silêncios que marginalizam, a falta pedagógica que impossibilita vivências e as ações que conformam uma determinada educação do corpo heteronormativa” (NICOLINO; SILVA; ROSA, 2019, p. 145-146).

Observa-se, assim, a necessidade de discutir gênero e sexualidade durante a formação acadêmica (inicial e continuada), pois conhecer os princípios e os fundamentos que constituem tais discussões possibilita identificar e compreender os mecanismos e as formas de opressão e violência em que a lógica heteronormativa é operacionalizada na educação dos corpos. A ausência de discussões sobre gênero e sexualidade no processo de formação pode conduzir à invisibilidade de direitos e deveres docentes, produzindo uma pedagogia do silenciamento, em que “o ‘não-dito’ apresenta-se como um meio de educar, em virtude da falta de reconhecimento de saberes sociais e culturais (...)” (NICOLINO; PARAÍSO, 2018, p. 102).

Para apresentar as sistematizações, interpretações e análises das informações levantadas, dividiu-se esta pesquisa em 2 capítulos. No capítulo I, intitulado “Produção Acadêmica Sobre Gênero e Sexualidade”, visa apresentar o conceito de gênero e sexualidade na literatura científica e também apresentar o resultado do mapeamento e análises das monografias produzidas na FEFD/UFG que discutem sobre gênero e/ou sexualidade. O capítulo II, “Gênero e Sexualidade na Escola”, tem como objetivo apresentar um levantamento das publicações científicas nas 10 revistas de maior qualis Capes da Educação Física, para compreender o que vem sendo produzido sobre estas temáticas no meio escolar; e também analisar as monografias produzidas da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás que discutem sobre gênero e sexualidade dentro da Educação Física Escolar utilizando os artigos científicos das revistas para relacionar e compreender o que trazem em comum nas discussões. Por fim, são apresentadas as Considerações Finais desta pesquisa acadêmica.

CAPÍTULO I

PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o resultado do mapeamento e análises das monografias produzidas na FEFD/UFG que discutem sobre gênero e/ou sexualidade. Para isto, inicialmente iremos expor o conceito de gênero e sexualidade na literatura acadêmica, para em seguida, apresentar o que tem sido produzido de monografias na FEFD/UFG e quais as principais discussões sobre esta temática.

1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE

Atualmente vivemos em uma sociedade de desigualdades, tanto econômica como social. Uma sociedade brasileira conservadora e patriarcal, que trata mulheres de forma diferente como salários desiguais, oportunidade de acesso à educação diferente, possibilidades de lazer, obrigações familiares etc. Ser mulher é enfrentar diversos medos, receios, silenciamentos, abusos, injustiças e lutar cotidianamente por um lugar de respeito. Para entender o que significa ser mulher nesta sociedade, recorro aos estudos feministas e de gênero, no sentido de compreender que ser mulher é uma construção social que perpassa um processo de aprendizagem cultural e histórica, constituída na família, na escola, na religião etc. (GOELLNER *et al.*, 2017). Nos termos de Simone de Beauvoir (1949), “não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres”.

Essa discussão sobre a produção sócio-cultural e política de tornar-se mulher atravessa os estudos feministas e de gênero e no campo da Educação Física brasileira é possível identificar três correntes epistemológicas que estruturam os estudos de gênero: Marxista, Culturalista e Pós-estruturalista, como mostram Devide *et. al* (2011). A corrente Marxista baseia-se na hierarquia de dominação-submissão e tem como problemáticas mais abordadas e questões priorizadas “às desigualdades sociais, às formas de opressão e de subordinação a que são submetidas as mulheres e as demais minorias sexuais (gays e lésbicas)” (LUZ JUNIOR, 2003, p. 5).

A corrente Culturalista tem como referência Michel Foucault e investiga como temas centrais a diversidade cultural e as múltiplas identidades. Esta corrente discute sobre “as políticas culturais e a construção de representações de identidades de gênero, as quais se materializam nas ações corporais, nos gestos, nas falas e nas diferentes maneiras de

vivenciar o cotidiano” (LUZ JUNIOR, 2003, p. 6).

E a corrente Pós-estruturalista identificada na virada do século XX e tendo como referência Jacque Derrida, propõe a desconstrução das categorias ocidentais. Esta corrente “questiona o caráter heterossexual do conceito de gênero, possibilitando o reconhecimento de uma masculinidade e feminilidade ‘plurais’, contestando a noção de identidades hegemônicas” (DEVIDE *et al*, 2011). As autoras desta corrente, mais utilizadas no contexto dos Estudos de Gênero na Educação Física são Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro. As quais buscam “a desconstrução do pensamento polarizado entre o gênero masculino e feminino, vistos como pólos que se relacionam pela equação dominação/submissão” (DEVIDE *et al*, 2011, p.95).

Uma autora que contribuiu muito para os estudos feministas foi Joan Scott (1986) ao apresentar um estudo nos anos de 1980 sobre os limites e as possibilidades do conceito gênero em diferentes campos de conhecimento, propondo-o como uma categoria de análise (SCOTT, 1995). Scott busca desconstruir a dicotomia entre um sexo para a natureza e um gênero para a cultura. Esta discussão foi publicada originalmente no ano 1986 nos Estados Unidos da América e traduzida para o português com o título: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” em 1995. Neste artigo, a autora propõe que gênero seja usado como uma ferramenta analítica deslocando a centralidade da identidade *mulher* para o caráter relacional entre sexo feminino e masculino (GOELLNER, 2012).

Em 1990 a também estudiosa feminista Judith Butler publica o livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade”, sendo traduzido para o português em 2003. Ela é uma estudiosa que ficou muito conhecida por discutir sobre gênero e teoria *queer*. Butler (2014, p. 253) afirma que “gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume”. Gênero é um aparato que pode desconstruir e desnaturalizar as noções de masculino e feminino (BUTLER, 2014).

Butler é acusada por ultraconservadores de promover a “ideologia de gênero²”, este é um termo transnacional designado para defender a dita “família tradicional brasileira³”, notando-se que ocorre uma falta de conhecimento sobre estudos feministas, pois não entenderam a potência destes estudos e se movimentaram contra. E não compreendem a

² Movimento transnacional com discurso antigênero que tem como manifestações “o machismo, o sexismo, a misoginia, o heterossexismo, a transfobia, assim como a pugna religioso-moralista e antifeminista contrária à adoção da perspectiva de gênero nas políticas sociais, entre outras coisas”. (JUNQUEIRA, 2018, p. 453).

³ Núcleo familiar formado por pai, mãe e filhos/as, com conceitos tradicionais e ligados a preceitos religiosos (INNATIA, 2016).

importância de se discutir sobre gênero e sexualidade.

Um exemplo disso é o blog do Padre Paulo Ricardo (2015) que apresenta, sem nenhum embasamento científico, “Os Cinco Mandamentos da Ideologia de Gênero”, quais de acordo com ele são: “I. Não há diferenças entre homens e mulheres, II. O sexo biológico é modificável, III. Família natural? Um estereótipo, IV. "Dessexualizar" a paternidade, V. Conquistar as escolas e a mídia”. Ao ler esta matéria, entendo o quanto é importante discutirmos sobre gênero e sexualidade nos mais variados contextos culturais, para que assim não sejam propagados esses tipos de matérias que desconhecem o real estudo e diminuem toda uma luta por direitos humanos.

No Brasil uma grande pesquisadora dos Estudos Feministas é a professora Guacira Lopes Louro, a qual já produziu vários livros e artigos sobre gênero e sexualidade. E esta pesquisa acadêmica está fundada no conceito de gênero e sexualidade apresentado por Louro:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p. 18).

A autora sugere que gênero e sexualidade são uma construção social, um processo constitutivo que passa por várias instâncias sociais e culturais como família, igreja, escola etc. Portanto, o “masculino e feminino são construídos pelas práticas sociais masculinizantes e feminizantes, de acordo com as concepções de cada sociedade” (PARAÍSO, 1997, p. 27). É ensinado a ser homem e a ser mulher de acordo com a sociedade e suas visões de mundo que orientam as práticas cotidianas.

Refletir e discutir sobre questões de gênero é necessário em qualquer meio e cenário (acadêmico, profissional, escolar etc.), pois este tema encontra-se presente nas relações cotidianas, “ganha vida e emerge no currículo em ação, fugindo ao controle dos planejadores do currículo, dos autores dos livros didáticos, das/os próprias/os professoras/es que não incluem o tema nos seus planejamentos formais” (PARAÍSO, 1997, p. 42). Entende-se que a questão de gênero constitui uma pessoa e que isto marca “nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação” como descreve Goellner (2013, p.25). Existem representações que identificam o que é feminilidade e masculinidade, e as quais não são fixas porque “se alteram conforme o contexto cultural e o

período histórico” (GOELLNER *et. al*, 2017, p.16). Discutir e refletir sobre essas representações e o que isso acarreta em nossos corpos é necessário para compreender que o que somos é fruto de uma construção social a qual estamos inseridos.

E cabe ainda ressaltar a importância de se discutir e refletir sobre a sexualidade, que é um fenômeno social e histórico, o qual se liga com “nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico” (WEEKS, 2000, p.25). A sexualidade dos indivíduos é produto da linguagem, da cultura e da natureza (WEEKS, 2000). Essa sexualidade nunca é fixa ou estável, assim, como somos inconstantes, sempre mudando com o passar dos anos, com as tecnologias e discussões sociais que nos cercam. Contudo, o discurso principal que se apresenta em nossa sociedade é a heterossexualidade, que é defendida como natural, universal e normal (LOURO, 2000) e excluindo as outras sexualidades, limitando os indivíduos numa sociedade hetonormativa.

Compreendo que essas questões são importantes para serem discutidas dentro da escola, tendo em vista que este é um ambiente de diferenças, diversidades e também de desigualdades. A escola da sociedade ocidental moderna impõe divisões internas através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 1997, p. 57). O ambiente escolar direciona o que cada indivíduo pode ou não fazer, como se vestir, delimitando espaços e com regras a serem seguidas. Dentro do ambiente escolar é possível visualizar as divisões de classe, raça, etnia, gênero e sexualidade em pequenas nuances, mas também de forma direta (LOURO, 1997).

1.2 MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS MONOGRAFIAS

Para realizar o mapeamento de monografias da Faculdade Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG), publicadas entre os anos de 1994 e 2021, que abordam as questões de gênero e sexualidade, foi preciso realizar duas buscas. A primeira ocorreu na Sala de Estudos da FEFD, local em que as monografias estão armazenadas e disponibilizadas de forma impressa para consulta pública. Neste espaço, busquei todos os trabalhos produzidos por estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado FEFD e que traziam as discussões de gênero e/ou sexualidade no desenvolvimento do documento. A segunda forma de busca foi realizada no sítio do Repositório Institucional da UFG, em que

estão disponíveis monografias digitais desde o ano de 2015 até a presente data de busca (2021).

No primeiro momento, realizei a leitura dos títulos das monografias selecionando as que tinham as palavras: gênero, sexualidade, meninas/os, feminino, masculino, mulher, homem, sexo, identidade e equidade. Um problema enfrentado neste momento de levantamento foi o fato de que as monografias entre 1994 e 2014 não estavam todas enumeradas de acordo com a lista disponível na sala de estudos. De tal forma que foi preciso ler todos os títulos de monografias disponíveis nos armários, ou seja, mais de 1.000 trabalhos físicos armazenados na sala de estudos da FEFD/UFG.

Outro problema durante este momento de coleta de dados foi que nem todas as monografias que discutiam sobre gênero e sexualidade estavam disponíveis para leitura na sala de estudos. Por isso, fui várias vezes ao local, verificar se tinham devolvido, intercalando entre semanas e até meses, na tentativa de conseguir acessar esse material. Já em relação às monografias produzidas a partir de 2015, a busca foi realizada no sítio do Repositório Institucional da UFG, as quais podem ser acessadas no formato digital para a leitura.

No segundo momento realizei a leitura do Resumo e da Introdução de cada monografia, visando verificar quais monografias traziam discussões sobre gênero e sexualidade, momento em que foram selecionadas 45 trabalhos acadêmicos. Após tais procedimentos, (re)li os Resumos e a Introdução, parte das Discussões, assim como a Conclusão e as Referências, para identificar o que as pesquisas traziam sobre as questões de gênero e sexualidade.

Por último, fiz uma leitura dos agradecimentos e dedicatórias, por observar que neste espaço ‘informal’ as pessoas escreviam sobre suas vidas, suas demandas e o porquê pesquisaram sobre o tema. Destaco aqui uma dedicatória que me chamou muito atenção por trazer uma difícil questão particular do autor, o qual escreveu:

Este trabalho é dedicado aos meus pais, que infelizmente não o lerão, não por não se interessarem, mas por ainda não aceitarem de público e socialmente que um sujeito pode e tem o direito de viver em sociedade sem ser vítima de preconceito e discriminação por sua orientação sexual. (DE JESUS, 2011, p.3).

Esta citação me chamou bastante atenção por compreender que a família nem sempre é o ambiente de maior apoio em relação à orientação sexual. E é possível notar a dor deste autor por saber que seus pais não aceitam sua orientação sexual. Observa-se desta forma que a vida pessoal cruza diretamente com a vida acadêmica, pois sua pesquisa acadêmica discutiu sobre orientação sexual homoafetiva.

Após essas leituras, chegou-se a um total de 31 monografias produzidas na FEFD/UFG que discutem sobre gênero e sexualidade. Dentre elas, apenas 8 (oito) monografias foram produzidas por homens e as outras 23 (vinte e três) por mulheres. Desse total (31), somente duas monografias foram produzidas por estudantes do curso de Bacharelado.

Após o mapeamento das produções acadêmicas, dediquei-me a conhecer como os estudos abordavam as questões de gênero e sexualidade dentro da Educação Física, observando quais os subtemas mais apareciam nas produções acadêmicas. Para isso, recorri a análise de conteúdo, valendo-me da categorização semântica (BARDIN, 1977), sistematizando as informações levantadas e dividindo as monografias em subtemas que mais apareceram nas produções, quais foram: Educação Física Escolar, Esporte, Formação e Pesquisa, Lutas e Práticas Corporais.

Nesse levantamento, foram encontradas monografias que tratavam da corporeidade. Contudo, compreendi que o tema “escapava” aos objetivos propostos nesta pesquisa e demandava discussões voltadas ao corpo. Encontrei também uma monografia sobre sexualidade, mas ao ler a monografia observei que a discussão era biologicista com esclarecimento meramente sobre a anatomia e fisiologia humana e não apresentava uma discussão sobre identidade sexual, portanto não entrou nas análises desta pesquisa.

Este momento de coleta de dados possibilitou ver as mudanças ao longo dos anos, observando as mudanças físicas, indo de capa simples para capa dura e, posteriormente, para o formato digital. Foi uma viagem no tempo e na história da FEFD, em que pude conhecer um pouco mais sobre a unidade, sobre as/os discentes e sobre as/os docentes ao longo desses anos observando os detalhes das monografias como capa, formatação e até mesmo a escrita; também identificando professoras/es atuais da unidade acadêmica que já foram estudantes da FEFD/UFG. Outra forma de conhecer mais sobre as/os autoras/es foi realizando a leitura dos agradecimentos. Identificando o círculo de amizades, as angústias e momentos felizes das/os discentes que frequentaram a faculdade. Foi algo muito enriquecedor, pois foi possível imaginar a FEFD de anos passados, as pessoas que por ali transitaram e as experiências vivenciadas neste local.

Durante as análises das monografias me deparei com alguns subtemas que apareciam com mais frequências, como segue a divisão: Educação Física Escolar – total de 10 (dez); Esporte – total de 8 (oito) monografias; Formação e Pesquisa – total de 6 (seis) monografias; Lutas – total de 4 (quatro) monografias; e Práticas Corporais – total de 2 (dois). O gráfico 1

mostra a porcentagem dessas informações:

Points scored

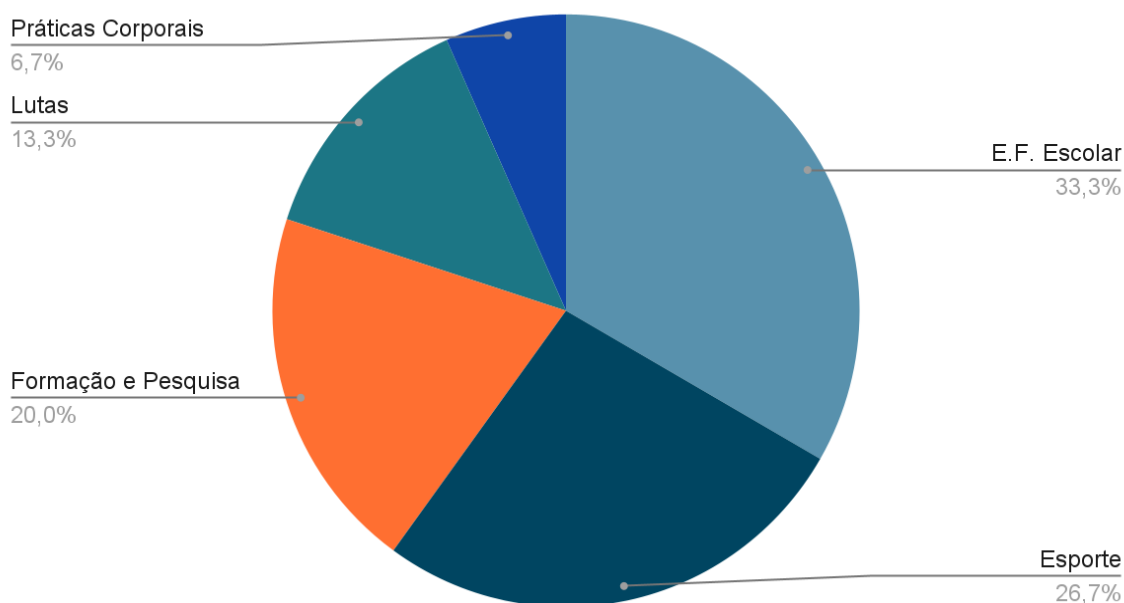


Gráfico 1 – Monografias divididas por subtemas.

Observa-se no gráfico que houve um número maior de produções sobre Educação Física Escolar, seguido por Esporte, Formação e Pesquisa, depois Lutas e, em menor quantidade, monografias produzidas com o subtema Práticas Corporais.

Notei que a principal demanda para produção das monografias foi pessoal e, em poucos casos, foi acadêmica. Na maioria das monografias as/os autoras/es já tinha vivenciado algo relacionado com a discussão de sua produção, até mesmo antes de entrar na faculdade de Educação Física, como afirmou Pereira (2003) sobre ser praticante de futebol há muitos anos, Azevedo (2011) como jogadora de rugby e também Oliveira (2014) que era atleta da seleção goiana de Voleibol. E em alguns casos a demanda partiu de experiências durante a formação em Educação Física, como no caso do autor Lourenço (2008, p.11): "vivências pessoais e de experiências durante o curso de Educação Física, observando que práticas corporais são realizadas de maneira separada por meninos e meninas, direcionamento vindo de professores e também de alunos".

Nota-se, sobretudo, que as discussões de gênero e sexualidade estão mais presentes nas monografias voltadas ao contexto da Educação Física Escolar na FEFD, predominantemente nas produções desenvolvidas no curso de Licenciatura. Ao todo, foram

10 (dez) monografias que trouxeram os temas descritos nas aulas de Educação Física escolar, como mostra o figura a seguir contendo título, autora/r, discussão, ano e graduação:

Figura 1 – Monografias com subtema Escola.

| ESCOLA | | | |
|---|-------------------------------|----------------------|------------|
| Título | Autora/r | Discussão | Ano |
| Futebol Feminino no Contexto Escolar: Uma Abordagem do Ensino Deste Esporte Dentro das Aulas de Educação Física | Marcos Paulo Da Silva Costa | Futebol | 1999 |
| A Legitimação Dos Preconceitos Étnico/Raciais E De Gênero Nas Aulas De Educação Física | Cleber De Sousa Carvalho | Preconceitos | 2001 |
| Relações nas Turmas Mistas de Educação Física Escolar | Edriane Silva Pereira | Turma Mistas | 2002 |
| Esporte Escolar: Diálogos e Reflexões sobre a Discriminação da Mulher no Esporte | Debora Regina Dias Dos Santos | Escola-Esporte | 2006 |
| Gênero E Esporte: As Relações entre o Esporte e a Construção da Identidade Masculina | Elker De Oliveira Lourenço | Escola - Esporte | 2008 |
| Prática Pedagógica Em Educação Física, Gênero e Sexualidade: A Questão dos Conteúdos | Dennia Pasquali E Cabral | Conteúdos | 2010 |
| Políticas Públicas, Gênero e Sexualidade: Conflitos e Estigmas Vivenciados no Sistema Regular de Ensino | Valleria Araújo De Oliveira | Políticas Públicas | 2010 |
| Sexualidade na Escola: Quais as Perspectivas Docentes Para Orientação Sexual Homoafetiva? | Adoracino Vaz De Jesus | Homoafetiva | 2011 |
| Gênero, Sexualidade e Educação Sexual: Problematizando O Tema Nas Aulas de Educação Física | Aline Rodrigues Bernardo | Gênero E Sexualidade | 2012 |
| Educação Física E Infância: Dialogando a Categoria Gênero na Educação Infantil em Goiás | Tássia Gomes Moreira | Educação Infantil | 2018 |
| Total - 10 | | | |

Essas monografias encontradas trazem discussões relacionadas ao esporte dentro das aulas de Educação Física (SANTOS, 2006; LOURENCO, 2008; COSTA 1999). Discussão relacionada às turmas mistas durante as aulas de Educação Física e os conteúdos propostos para as aulas dentro da escola (PEREIRA, 2002; PASQUALI E CABRAL, 2010;

BERNADO, 2012). Também há discussão sobre preconceitos e desigualdade durante as aulas (CARVALHO, 2001) e sobre Políticas Públicas sobre gênero e sexualidade dentro da escola (OLIVEIRA, 2010).

Nas discussões dentro das monografias produzidas as/os autoras/es apresentaram sobre a importância das/os professoras/es e da equipe escolar proporcionarem mais discussões e reflexões nas escolas, não tratando gênero e sexualidade como tabu e silenciando para as práticas de divisões e preconceitos (CARVALHO, 2001; PEREIRA, 2002; CABRAL, 2010; DE JESUS, 2011; BERNARDO, 2012).

Sobre sexualidade na escola o autor Adoracino Vaz de Jesus (2011) apresentou a seguinte conclusão na sua monografia:

É importante que se discuta em sala de aula, na escola, também sobre questões ligadas a orientação sexual, no sentido de afetividade, homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade etc. no sentido de minimizar preconceitos e de esclarecimento. E se há essa discriminação em relação a esses temas e/ou a indivíduos de orientações sexuais diferentes é importante investigar o motivo da mesma para assim poder elaborar estratégias de combate, não somente discriminação em relação a homossexualidade, mas a diversidade sexual e a qualquer tipo de preconceito ou discriminação. É necessário fazer com que a escola seja um lugar onde a educação aconteça objetivando a formação do indivíduo para que saiba viver em sociedade tendo consciência dos seus direitos e respeitando os direitos dos outros. No que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico da escola, não foi observado nenhuma ação ou projetos que fosse voltado para a temática da sexualidade, muito menos para a discussão da diversidade sexual e das orientações sexuais. Conclui-se então que não há como ter contribuição para combater ou esclarecer sobre discriminação, preconceito etc. se não há projetos que trabalhem nessa lógica. (DE JESUS, 2011, p. 35)

O autor supracitado traz a importância de se discutir sobre orientação sexual para combater atitudes discriminatórias dentro das escolas. Também descreveu sobre a importância do Projeto Político Pedagógico da escola ter projetos ou ações voltados para a discussão desse tema nas escolas. Destaco aqui uma passagem que considero importante para refletir sobre a necessidade de se discutir sobre sexualidade dentro da escola e a problemática de não falar a respeito sobre este tema de acordo com Louro (1997, p. 67 e 68):

Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento — a ausência da fala — aparece como uma espécie de garantia da "norma". A ignorância

(chamada, por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos "bons" e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Outro problema também muito destacado em algumas monografias é o fato de que “as/os professoras/es não estão preparadas/os para lidar com as situações envolvendo as relações de gênero e sexualidade” (SANTOS, 2006; OLIVEIRA, 2010). Consequentemente, entendo ser importante uma boa formação acadêmica e também continuada que discutam sobre gênero e sexualidade, para as/os professoras/os se sintam capacitados para trabalhar gênero e sexualidades durante suas aulas, para evitar atitudes de discriminações e preconceitos, bem como conscientizar crianças e adolescente sobre a importância de respeitar a diversidade de todas/os.

Uma discussão apresentada em algumas monografias (COSTA, 1999; SANTOS, 2006; LOURENCO, 2008) é sobre o esporte dentro das aulas de educação física. O esporte é um fenômeno social, tema da cultura corporal que deve ser questionado e adaptado à realidade social e cultural da comunidade que pratica (SOARES *et al.*, 1994). Portanto, concordo com Carmen Soares, no sentido de que o esporte dentro da escola deve possibilitar a crítica e não mera reprodução de grandes eventos/espetáculos esportivos. As monografias produzidas por Santos (2006) e Lourenço (2008) trouxeram reflexões sobre como existem divisões de gênero na prática esportiva dentro da escola, identificando esse processo como um reflexo da prática social a que estamos submetidas/os. De acordo com Lourenço (2008), os meninos preferem jogar futebol e handebol (esportes de contato), já as meninas preferem esportes como o voleibol e natação por não haver contato físico direto, ou então preferem não praticar nenhum esporte.

Na pesquisa realizada pelas autoras Altmann, Ayoub e Amaral (2011, p. 491-492) observou-se na fala dos docentes entrevistados que: “a concepção de que meninos são mais habilidosos para a prática esportiva e para jogos coletivos, enquanto grande parte das meninas não se envolve com a mesma intensidade nessas práticas, pois não desejam suar e querem manter-se arrumadas”.

As autoras Goellner, dos Anjos, Andres e Bender (2017, p.26) afirmam que as atividades que envolvem choque e/ou confronto e demandam força, velocidade e intenso esforço físico são geralmente consideradas masculinas, como no caso dos esportes de oposição; já as atividades que prescindem de flexibilidade e ritmo cujos movimentos

expressam graciosidade e delicadeza são consideradas femininas, como a ginástica e a dança.

Entendo que a Educação Física dentro da escola seja importante para problematizar essa questão de esporte ‘feminino’ e ‘masculino’, sendo mediada pela/o professora/r por meio de um trabalho coeducativo, que nomeia e dialoga sobre a produção de concepções estereotipadas de um suposto ‘feminino’ e ‘masculino’, possibilitando que todas as pessoas possam vivenciar da melhor forma possível as práticas da cultura corporal (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

Ainda sobre a questão esportiva, o futebol dentro das aulas de educação física escolar é o esporte que mais apresenta discussões sobre gênero e sexualidade no levantamento das monografias da FEFD/UFG. Costa (1999, p.47) afirma que:

(...) a discriminação que este esporte traz facilita a condição de superioridade do mundo machista em relação ao feminista em nossa sociedade, onde em cada canto se pratica o futebol; por parte dos homens, e que as mulheres quando não são esposas, são meras espectadoras de uma modalidade que é sinônimo de hegemonia mundial.

Dentro da sociedade brasileira o futebol é incorporado à identidade nacional, sendo este um espaço que precisa ser ainda conquistado pelas mulheres e também ser ressignificado alguns dos sentidos, podendo ser assim de fato, ser um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades (GOELLNER, 2005, p.150). Sobre o tema Esporte foram encontradas no levantamento desta pesquisa o total de 8 (oito) monografias, sendo que a maioria trata sobre futebol, duas sobre voleibol e apenas uma sobre rugby, como se observa na seguinte figura:

Figura 2 – Monografias com subtema Esporte.

| Esporte | | | | |
|---|--------------------------------|-------------------|------------|--------------|
| Título | Autora/R | Modalidade | Ano | Curso |
| A Mulher Brasileira e o Futebol - Uma Abordagem Sócio-Cultural | Danyelle Nery Ramos | Futebol | 1996 | Licenc. |
| A Mulher e O Esporte | Sílvia Ferreira De Melo | Voleibol | 2000 | Licenc. |
| Alguns Apontamentos Sobre Representações Sociais E O Futsal Feminino | Francione Cardoso | Futebol | 2000 | Licenc. |
| Gênero, Futebol E Mulher: Uma Abordagem Sobre a Participação Feminina Em Goiânia | Danielly Da Silva Pereira | Futebol | 2003 | Licenc. |
| Futebol Feminino: Representações Midiáticas Sobre o Fenômeno Esportivo | José Henrique Pereira Borba | Futebol | 2007 | Licenc. |
| A Relação Masculino-Feminino No Universo Da Prática Do Rugby Em Goiânia | Ananda Alves De Azevêdo | Rugby | 2011 | Licenc. |
| Voleibol Em Goiás: Trajetória de Jogadoras Da Seleção Goiana Infanto De Voleibol | Gabriella De Oliveira Carneiro | Voleibol | 2014 | Licenc. |
| Futebol Feminino: Perfil e Motivação Para a Prática Do Esporte de uma Equipe de Goiânia | Thaynara Ribeiro De Sousa | Futebol | 2014 | Licenc. |
| Total - 8 | | | | |

Ao analisar as monografias relacionadas a Esporte observei que o futebol foi o que mais apareceu com 5 (cinco) produções, apenas duas sobre Voleibol, e apenas uma sobre Rugby. Todas produzidas por estudantes de Licenciatura, iniciando em 1996 e a última no ano de 2014. Observei que não houve nenhuma produção que discutisse gênero e sexualidade em outras modalidades esportivas além do futebol, rugby e voleibol.

No meio esportivo observa-se várias ações e discursos com divisões de gênero e preconceitos com a identidade sexual. Diante disso, é importante entendermos, segundo análises realizadas por Mourão, que a inserção das mulheres nos esportes no Brasil se deu por uma infiltração de forma sutil e suave. Não ocorreram confrontos e lutas por espaço, mas sim “um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação, frequentemente com apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos da sociedade” (MOURÃO, 2000, p.8).

Como apresenta Silvana Goellner (2005), a prática esportiva feminina no início do século XIX era voltada para a maternidade e beleza. Nesse sentido, esportes violentos e com

muito contato físico, como o futebol, não eram indicados para as mulheres, tendo em vista que “participação das mulheres no futebol representava uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade” (GOELLNER, 2005, p.146). Já nos anos 60 a prática esportiva foi considerada uma atitude transgressora, pois as mulheres estavam praticando um esporte que não era permitido pela Deliberação nº. 7 do Conselho Nacional de Desportos; e após um tempo essa prática esportiva feminina passou a ter uma erotização de corpos (GOELLNER, 2005).

O esporte e, principalmente, o futebol é um campo da luta feminista, em que é ainda necessário lutar para jogar, treinar, competir e as mulheres também lutam para que sejam respeitadas e reconhecidas como atletas (ALTMANN, 2009). O futebol foi justamente a modalidade esportiva que mais apareceu nas monografias produzidas na FEFD/UFG com discussões sobre gênero e sexualidade. Nas monografias foram apresentadas observações sobre o machismo dentro do futebol, sendo considerado um ambiente masculino como cita Marcos Paulo da Silva Costa (1999), na sua monografia:

Vejo que a discriminação que este esporte traz facilita a condição de superioridade do mundo machista em relação ao feminista em nossa sociedade, onde em cada canto se pratica o futebol, por parte dos homens; e que as mulheres quando não são esposas, são meras espectadoras de uma modalidade que é sinônimo de hegemonia mundial. (COSTA, 1999, p. 47)

Outra discussão identificada nas monografias sobre esportes foi sobre a orientação sexual das praticantes de futebol, as quais são taxadas com termos pejorativos que visam ofendê-las, como “sapatão”, “machonas” ou com preferências sexuais “duvidosas”. Termos pejorativos para julgar a mulher praticante de futebol, ligando-se diretamente com sua sexualidade e referenciando que mulher homossexual é ruim ou mesmo “anormal”. Na monografia a autora Francione Cardoso (2000) fala sobre o preconceito e estereótipos que as mulheres enfrentam na prática do futebol, afirma que “o preconceito é muito forte e lhe é cobrado conteúdos voltados para a feminilidade, sexualidade e comportamentos e, apesar de praticar futsal tem de estar mantendo condutas e comportamentos femininos” (CARDOSO, 2000, p.51). Percebo, nessas discussões produzidas, que há uma confusão entre supostos papéis de gênero produzidos socialmente com a orientação sexual (heteronormativa), que parte do pressuposto que futebol é algo “de homem”, associando a prática a um suposto ‘masculino’, de forma que as mulheres jogadoras são estereotipadas como ‘mulher macho’ e lésbicas. Cabe aqui informar que a orientação sexual está relacionada com o desejo sexual e afetivo das pessoas, portanto não tem uma relação causal com o gênero da pessoa

(GOELLNER *et al.*, 2017). Uma mulher pode praticar futebol e não ser lésbica, mas também pode ser e não há problema nisso. Esta questão sobre a sexualidade da mulher não pode ser considerada negativa e nem ser usada como algo pejorativo, com o objetivo de desqualificar tudo que escapa a heteronormatividade e expande as performatividades de gênero.

Ainda sobre o subtema Esportes, apareceram duas monografias que discutem sobre gênero no Voleibol e afirmam que não há incentivo, apoio e nem investimento público ou privado para as mulheres praticarem esporte, sendo apenas uma prática prazerosa para elas (DE MELO, 2000; CARNEIRO, 2014). Outra monografia produzida sobre esporte (e única) teve o objetivo de analisar os esportes ditos masculinizantes e principalmente o Rúgbi que carrega valores, conceitos e juízos predominantemente masculinos como também no caso do futebol (AZEVEDO, 2011).

Em relação à formação de professores/as e pesquisas dentro da Educação Física foram produzidas 6 (seis) monografias que discutem sobre gênero, quais são:

Figura 3 – Monografias com subtema Formação e Pesquisa.

| Formação e Pesquisa | | | | |
|---|-------------------------------------|------------------------------|------------|------------------|
| Título | Autora/R | Discussão | Ano | Graduação |
| Discussões Sobre Preconceito, Racismo e Sexualidade na Formação Inicial em Educação Física | Everton Lamare Costa Melo e Silva | Formação Inicial | 2012 | Licenciatura |
| As Relações de Gênero na Adolescência no Âmbito da Educação Física Escolar: Uma Análise das Monografias Da FEF/UFG | Ana Paula Moraes Borges | Formação de Professores | 2012 | Licenciatura |
| O Pesquisador Produtividade em Pesquisa (CNPQ) No Campo da Educação Física: Análise na Perspectiva de Gênero | Geovana Almeida Dos Santos | Pesquisa - Gênero | 2016 | Bacharel |
| A Questão de Gênero no Currículo de Formação de Professores de Educação Física | Anderson de Souza Bueno de Oliveira | Currículo - Formação | 2016 | Licenciatura |
| Diferença e Educação Física Escolar: Análise dos Periódicos Científicos Revista Brasileira de Ciências do Esporte De 1979 a 2014 e Cadernos De Formação RBCE de 2009 a 2014 | Simone Leonel De Castro | Pesquisa | 2016 | Licenciatura |
| Relações e Espaço da Figura Masculina na Educação Infantil | Mateus De Jesus Silva | Pesquisa - Educação Infantil | 2018 | Licenciatura |
| Jogos e Brincadeiras Generificados na Educação Infantil: Produção Acadêmica na Educação Física | Maria Luiza De Queiroz Pereira | Jogos e Brincadeiras | 2021 | Licenciatura |
| Total - 6 | | | | |

Observa-se que somente uma monografia foi produzida por uma estudante do curso de Bacharelado e as 6 (seis) produções são mais recentes, ou seja, desenvolvidas nos últimos 10 (dez) anos. A monografia intitulada “Relações e Espaço da Figura Masculina na Educação Infantil” do autor Mateus De Jesus Silva (2018) entrou no subtema Formação e Pesquisa, tendo em vista não tratar de discussão direta sobre o professor na aula de Educação Física Escolar. Esta monografia está relacionada com análise bibliográfica, em que utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outras/os pesquisadoras/es e devidamente registrados (SILVA, 2018). Portanto, não entraria como subtema Educação Física Escolar, mas sim Formação e Pesquisa.

Ao analisar as disciplinas presentes Projeto Político Curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, Oliveira (2016) apresenta a seguinte sugestão:

Não sugerimos nesse trabalho que deva existir uma disciplina específica para se trabalhar essa temática no curso de formação de professores, acreditamos que deva existir um envolvimento de todo o corpo docente da instituição e essa temática seja trabalhada como tema transversal, instrumentalizando assim os alunos a trabalharem o tema proposto em todas as disciplinas. Partindo da ideia que a graduação é a formação inicial, e ela deva ser continuada durante toda a vida profissional dos professores, propomos que as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação promovam cursos de capacitação para seus professores afim de fornecer elementos que subsidiem o trabalho dos mesmos com essas temáticas durante suas aulas dentro de sala de aula, e que isso não deverá ser feito apenas pelos professores de Educação Física, mas por toda a comunidade Escolar, interdisciplinarmente. (OLIVEIRA, 2016, p. 57)

Creio ser importante destacar que os PPCs dos cursos de Licenciatura e Bacharelado não apresentam nenhum objetivo e/ou conteúdo sobre as teorias ou questões de gênero e sexualidade nas disciplinas obrigatórias, apenas referências de livros na bibliografia complementar no curso de Bacharelado. As autoras Nicolino, Silva e Rosa (2019) destacam:

Ao verificarmos o inexpressivo uso de termos como gênero, mulheres, professoras e alunas nos documentos oficiais dos cursos (PPCs) e o expressivo uso de homem, professor/es e alunos para apresentar o processo de formação humana, pedagógica e política da unidade, reconhecemos marcas sexistas que constituem a linguagem desses documentos. Acreditamos, portanto, que o uso dos termos não é neutro e sinaliza uma escolha teórica que vem produzindo efeitos diversos nas políticas educacionais voltadas para o campo da Educação Física, como a invisibilidade, ainda que apresentem uma tendência de mudança e superação desta concepção nos documentos institucionais.

Marlucy Alves Paraíso na sua pesquisa intitulada “Gênero na Formação Docente: campo de silêncio no currículo” (1997, p. 41) afirmou que “nenhum conteúdo em nenhuma disciplina abordou ou discutiu com seriedade a questão de gênero, do patriarcado com suas implicações para o ensino e a educação”. A autora também afirmou que gênero é um “campo de silêncio do currículo formal”, mesmo que seja um assunto importante e necessário a ser aprofundado (PARAÍSO, 1997). Diante disso, observei a importância de se discutir e propor reflexões durante a formação acadêmica, acabando com o silêncio e omissões não apenas enquanto um conteúdo curricular, mas, sobretudo, durante as práticas pedagógicas. Nesse sentido, concordo com as pesquisadoras sobre a importância de incentivar mais pesquisas e estudos sobre gênero e sexualidade, para que essas discussões e teorias estejam presentes no currículo e façam parte das vivências pedagógicas. Como descreve Paraíso (1997, p. 34):

Fica evidente, assim, que o currículo em ação é um espaço em que as aprendizagens “masculinas” e “femininas” se processam cotidianamente, ou seja, o currículo em ação contribui para a construção do gênero, para a atribuição de papéis e de características específicas a homens e mulheres. Ainda que no currículo oficial e dos

livros didáticos não deem ao tema a legitimidade necessária, para conceder-lhe "espaço" nas disciplinas e nos cursos, o gênero é tão vivo e presente nas relações cotidianas "das instituições", que parece escapar das armaduras do currículo oficial para marcar presença forçada no currículo em ação.

Dando continuidade aos outros subtemas foram encontradas 4 (quatro) monografias que discorrem sobre Boxe (1), Taekwondo (2) e Capoeira Angola (1). Todas foram escritas por mulheres do curso de licenciatura da FEFD/UFG. Essas monografias discutem sobre a discriminação das mulheres dentro das Lutas, colocando a mulher numa posição de inferioridade, de incapacidade e também de fragilidade. As produções encontradas foram as seguintes:

Figura 4 – Monografias com subtema Lutas.

| LUTAS | | | | |
|--|----------------------------|------------------|------------|------------------|
| TÍTULO | AUTORA/R | DISCUSSÃO | ANO | GRADUAÇÃO |
| A Discriminação Da Mulher nas Aulas de Taekwon-Do | Aida Lino de Paiva | Taekwon-Do | 1997 | Licenciatura |
| "Menina É Boa!!! Bate Palma Pra Ela..?" Um Estudo Sobre a Participação Feminina na Capoeira Angola em Goiânia | Janayna Nogueira Rodrigues | Capoeira | 2002 | Licenciatura |
| Luvras Rosas, Mãos Pesadas: Um Estudo Sobre a Participação de Mulheres na Prática de Boxe na Cidade de Goiânia | Taciane Borges Garcia Rosa | Boxe | 2013 | Licenciatura |
| Mulheres No Dojan: Significados E Sentidos Acerca Da Participação Feminina Entre Praticantes De Taekwondo | Beatriz de Almeida Prado | Taekwondo | 2013 | Bacharelado |
| TOTAL – 4 | | | | |

Duas monografias de anos distintos – 1997 e 2013 – apresentam a discriminação das mulheres dentro do Taekwondo. Notei um progresso em relação dessa luta com passar dos anos, pois na monografia de Aida Paiva (1997) o Taekwondo é apresentado de forma mais discriminatório e sexista, em que a autora afirma que por ser um esporte que prioriza força e velocidade as aulas valorizam os alunos, não sendo uma aula igual para alunos e alunas. Já na produção de Beatriz Prado (2013) o Taekwondo é apresentado de uma forma pouco mais otimista, como descreve na conclusão:

Os professores também deixam claro que não existe diferenciação entre as alunas e os alunos, apenas entre o tratamento para com mais graduadas/os e menos graduadas/os. Cada qual com uma história bastante distinta sobre a relação entre as mulheres e o Taekwondo durante seu período de graduação, porém ambos com

muita vontade de que suas alunas e alunos evoluam, graduem e sejam atletas com qualidade, tanto técnica quanto moral. (PRADO, 2013, p.38)

Diante dessas duas monografias, observou-se que apesar de terem sido feitas em tempos e lugares distintos, ambas as pesquisas mostram processos de preconceito com relação à prática de mulheres nessa luta e exploram formas de discriminação sutis ou expressivas, em que a força, velocidade e a potência dos golpes são compreendidos como pertencentes ao ‘masculino’, colocando à prova a ‘feminilidade’ das atletas.

Outra monografia discutiu sobre gênero nas lutas teve como foco a Capoeira Angola, cujo objetivo foi investigar a participação e o papel social exercido pela mulher na capoeira Angola na cidade de Goiânia (RODRIGUES, 2002). Esta monografia, traz que apesar da capoeira se manifestar enquanto resistência cultural e contra um sistema de opressão na época da escravidão no Brasil, ela “ainda reproduz as relações de gênero estabelecidas em nossa sociedade, onde a mulher ainda se encontra numa posição de inferioridade, de incapacidade e de fragilidade, ou seja, a mulher está limitada desenvolver suas potencialidades” (RODRIGUES, 2002, p. 45).

Também foi produzida uma monografia sobre o Boxe, no qual a autora Rosa (2013, p.48) afirma que houve “um avanço na forma como a mulher é vista no boxe e principalmente a legitimação da inserção da mulher no boxe”, porém destacou que ainda existe preconceito com as mulheres na competição e no combate. Neste subtema observei que há muita discriminação de gênero nas lutas, por considerar que esta é uma prática “masculina” (GOELLNER *et al.*, 2017, p. 28). Entretanto, com o passar dos anos esta realidade vem mudando e as mulheres estão conquistando seus direitos de também praticarem lutas como o Boxe e o Taekwondo. Isto observa-se no presente trecho da monografia de Rosa (2013) ao afirmar que apesar de existir preconceitos as mulheres conseguiram superar seus limites e mostrar suas habilidades no boxe de alto rendimento, espaço este que era hegemonicamente masculino.

O último subtema identificado foi Práticas Corporais, que abarcou uma monografia sobre Yoga e outra sobre Dança, como segue:

| PRÁTICAS CORPORAIS | | | | |
|--|--------------------------------|------------------------------|------|---------|
| TÍTULO | AUTORA/R | TEMA | ANO | CURSO |
| Yoga: Masculino Ou Feminino? Um Estudo Investigativo Sobre a Prática de Yoga em Goiânia-GO | Lorena Soares Baima | Yoga - Relações de Gênero | 2010 | Licenc. |
| Homens que Dançam: Discutindo Gênero e Sexualidade no Balé Clássico | Mariana Mayumi Yamada Loureiro | Dança - Gênero e Sexualidade | 2012 | Licenc. |
| TOTAL – 2 | | | | |

Sobre o Yoga, a autora Baima (2010) apresentou uma informação muito curiosa: inicialmente Yoga era uma prática exclusivamente masculina na Índia, ao chegar no Brasil foi praticado por homens e mulheres na mesma proporção, mas atualmente é mais praticado por mulheres. O Yoga foi uma prática que mudou de público ao decorrer dos anos e na contemporaneidade é mais praticada pelas mulheres por estar associada a “delicadeza e a graciosidade” e estas habilidades são consideradas inerentes das mulheres, portanto não é uma prática para homens (GOELLNER, *et al.*, 2017, p. 31).

A outra monografia foi produzida por Loureiro (2012, p. 24), a qual observou que existe um grande preconceito sobre o Balé Clássico, pois “para esta sociedade, a dança não é ‘coisa de homem’, preconceito que funciona como um forte marcador de gênero, alegando que seus praticantes não são dotados de masculinidade”. Esta prática corporal também está associada à delicadeza e graciosidade em função da fluidez exigida nos movimentos, sendo considerada uma “prática feminina” (GOELLNER *et al.*, 2017, p. 31). Poucos homens procuram praticar o Balé Clássico, devido ao grande preconceito existente ao considerar esta uma prática exclusiva das mulheres e voltada somente para a graciosidade delas.

Em vista disso, retomo a análise feita em relação aos esportes sobre divisões de esporte feminino e esporte masculino. O que também apareceu nas monografias sobre Yoga e Dança, em que essas práticas não são consideradas ‘masculinas’ por não terem a virilidade e violência dos ditos “esportes masculinos” como o futebol e as lutas. Silvana Goellner *et al.* (2017, p. 31) trazem essa distinção entre práticas masculinas e femininas, apontando que “a representação normatizada de feminilidade associa a delicadeza e a graciosidade como habilidades inerentes às mulheres, várias modalidades de dança e de ginástica foram tradicionalmente associadas às mulheres, como, por exemplo, o balé clássico e a ginástica rítmica”.

Entendo que existam diferenças entre homens e mulheres, mas também existem diferentes homens e diferentes mulheres, alguns têm dificuldade ou não gostam de futebol e algumas não gostam de dança, mas estes e estas não podem deixar de praticarem o que gostam por uma imposição de família, religião ou até mesmo pela incapacidade do/a professor/a possibilitar a vivência destas práticas para todos e todas.

Ao analisar as monografias foi possível observar o quanto a divisão entre homem e mulher está presente dentro da Educação Física seja nos esportes, no Yoga, no boxe, na dança, na formação, assim como em outros contextos culturais, como a escola e a família. A luta pelo fim destas divisões de gênero já tem anos, com alguns avanços e direitos reconhecidos, mas ainda há muita coisa para ser mudada; como por exemplo: salários iguais para jogadores e jogadoras.

Essas questões de gênero e sexualidade, ainda são jogadas para o silêncio, contudo “há possibilidade de se formar resistências efetivas” e assim, lutar para mudar a realidade de preconceitos e discriminações na escola, na família, no esporte, entre outros lugares (PARAÍSO, 2016, p. 406-407). Acredito que a presença dessas questões nos currículos escolares e também acadêmicos, possibilita uma formação mais ampla, com mais possibilidades de convívio social e político, sobretudo, no contexto escolar.

CAPÍTULO 2

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a revisão bibliográfica que contempla as discussões sobre gênero no campo da Educação Física Escolar. Para isto, inicialmente iremos apresentar um levantamento das publicações científicas nas 10 revistas de maior qualis Capes da Educação Física, segundo o quadriênio (2013-2016) para compreender o que vem sendo produzido sobre estas temáticas no meio escolar. E logo após iremos analisar as monografias produzidas da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás que discutem sobre gênero e sexualidade dentro da Educação Física Escolar.

2.1 REVISTAS CIENTÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Para compreender o que se trata as monografias encontradas sobre gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física foi feito um levantamento sobre o referencial teórico, cujo o objetivo foi verificar como essa discussão está sendo publicizada cientificamente, verificando os anos de produção, as/os autoras/es e o que vem sendo discutido sobre essas questões no contexto escolar. A busca foi realizada no sentido de compreender quais as discussões que estão sendo estudadas e publicizadas nas aulas de Educação Física, de forma a servirem de base comparativa e interpretativa para analisar as monografias produzidas na FEFD/UFG.

Fazer um levantamento sobre o que é publicizado nos periódicos da área sobre gênero e sexualidade, possibilita conhecer o que autoras e autores do campo vêm apresentando como demanda, as discussões teóricas e as proposições para pensar/trabalhar tais temáticas na escola. Para fazer o levantamento da produção científica sobre gênero e sexualidade na educação física escolar foi realizada uma busca nas 10 revistas de maior qualis Capes da Educação Física, segundo o quadriênio (2013-2016), quais são: Revista Movimento (A2), Revista da Educação Física/UEM (B1), Motriz (B1), Revista Brasileiro de Ciências do Esporte (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (B1), Revista Motrivivência (B2), Revista Pensar a Prática (B2), Revista Motricidade (B1), Revista Ciência e Saúde Coletiva (B1), Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte (B3).

Foi utilizado como descritores sem aspas: gênero and escola; e sexualidade and escola. Não entraram na amostra artigos que tratavam das discussões de gênero e sexualidade no esporte e/ou em momentos como o recreio, na escola. Foram excluídos os

artigos que trazem gênero como uma forma de distinguir sexo masculino e feminino. A escolha desses periódicos se deu por entender que apresentam no período de publicação o que vem sendo discutido sobre gênero e/ou sexualidade dentro da educação física escolar no Brasil. Potencializando as discussões que são apresentadas nas monografias encontradas na FEFD/UFG. As publicações aqui encontradas também serviram como embasamento teórico para potencializar as análises das monografias acadêmicas que discutem sobre gênero e/ou sexualidade na Educação Física Escolar. O levantamento dos periódicos publicados no Brasil permitiu identificar as seguintes produções:

Figura 6 - Levantamento em Revistas Científicas da Educação Física (Qualis A2 a B3), referentes às informações do descritor, título do artigo, autoria e ano de publicação.

| | | |
|-----------------------------------|--|--|
| Revista Movimento (A2) | gênero and escola | |
| | Concepções De Gênero Nas Práticas Corporais De Adolescentes | Alex Branco Fraga 1995 |
| | As Relações De Gênero No Esporte Por Discentes Da Rede Pública Municipal De Juiz De Fora | Eliete do C. Garcia Verbena, Elaine Romero 2003 |
| | Bullying Nas Aulas De Educação Física | Flávia Fernandes de Oliveira, Sebastião José Votre 2006 |
| | Educação Física, Gênero E Escola: Uma Análise Da Produção Acadêmica | Alexandre Jackson Chan-Vianna, Diego Luz Moura, Ludmila Mourão 2010 |
| | Bullying E As Relações De Gênero Presentes Na Escola | Michele Ziegler de Mattos, Angelita Alice Jaeger 2015 |
| | Performatizações Queer Na Educação Física Escolar | Rafael Marques Garcia, Leandro Teofilo de Brito 2018 |
| | O Sentido Do Futebol Nas Aulas De Educação Física | Juliana Kanareck da Silva, Ana Cristina Richter, Fábio Machado Pinto 2017 |
| | A Educação Física Em Uma Escola Militar: De Turmas Separadas Por Sexo E Por Altura A Turmas Mistas | Lara Felix Jacoby, Silvana Vilodre Goellner 2020 |
| | sexualidade and escola | |

| | | |
|---|--|---|
| | A Educação Física No Ensino Médio: Um Olhar Sobre O Corpo | Fernanda A. Gomes da Silva, Luis Aureliano I. e Silva, Sílvia Maria Agatti Lüdorf 2015 |
| | Escolarização Da Sexualidade: O Silêncio Como Prática Pedagógica Da Educação Física | Aline Silva Nicolino, Marlucy Alves Paraíso 2018 |
| Revista da Educação Física/UEM (B1) | Orientação Sexual E Educação Física: Sobre A Prática Pedagógica Do Professor Na Escola | Ivan Luis Santos Sara Quenzer Matthiesen 2012 |
| Motriz - UNESP (B1) | A Prática Do Futebol Feminino No Ensino Fundamental | Osmar M. de Souza Júnior, Suraya Cristina Darido 2002 |
| | Influências Da Cultura Escolar No Desenvolvimento De Propostas Co-Educativas Em Aulas De Educação Física | Osmar M. de Souza Júnior, Suraya Cristina Darido 2003 |
| | Identificações De Gênero: Jogando E Brincando Em Universos Divididos | Sissi Aparecida Martins Pereira, Ludmila Mourão 2005 |
| | O Futebol Nas Aulas De Educação Física: Entre “Dribles”, Preconceitos E Desigualdades | Rogério Cruz de Oliveira 2006 |
| | Construção De Identidade De Gênero Na Educação Física Escolar | Marlon Messias Santana Cruz, Fernanda Caroline C. Palmeira 2009 |
| | Indícios De Sentidos E Significados De Feminilidade E De Masculinidade Em Aulas De Educação Física | Vilma Canazart dos Santos 2010 |
| | Gêneros, Sexualidades E Educação Física Escolar: Um Início De Conversa | Vagner Matias do Prado, Arilda Inês Miranda Ribeiro 2010 |
| Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1) | Escola E Educação Física: Maquinaria Disciplinar, Biopolítica e Generificante | Marcelo Moraes e Silva 2012 |
| | Educação Física Escolar E Relações De Gênero: Diferentes Modos De Participar E Arriscar-Se Nos Conteúdos De Aula | Liane Aparecida Roveran Uchoga, Helena Altmann 2016 |

| | | |
|--|---|---|
| Revista Motrivivência (B2) | Futebol Feminino E As Barreiras Do Sexismo Nas Escolas: Reflexões Acerca Da Invisibilidade | Cássia Cristina Furlan, Patrícia Lessa dos Santos 2008 |
| | Educação Física Escolar: Reflexões Sobre As Aulas De Exclusão | Fabiano Augusto Teixeira 2009 |
| | Olhares Sobre Os Corpos E A Construção De "Homens" E "Mulheres" Na Escola | Moisés Sipriano Resende 2011 |
| | Marcas De Gênero Na Educação Física Escolar: A Separação De Meninos E Meninas Em Foco | Priscila Gomes Dornelles 2011 |
| | Ensino Da Ginástica Na Escola Pública: As Três Dimensões Do Conteúdo E O Desenvolvimento Do Pensamento Crítico | Daniel Teixeira Maldonado, Daniel Bocchini 2015 |
| | Discussão De Gênero Nas Aulas De Educação Física: Uma Revisão Sistemática | Naiara da Rocha Matos, Geisa Silva Brasileiro, Rodolfo Teixeira Rocha, Jorge Lopes Cavalcante Neto 2016 |
| | Identidade De Gênero E Suas Implicações Sobre A Sexualidade Na Perspectiva De Professores De Educação Física | Aline Gomes Machado, Roberto Gondim Pires 2016 |
| | A Educação Física Como Território De Demarcação Dos Gêneros Possíveis: Vivências Escolares De Pessoas Travestis, Transexuais E Transgêneros | Neil Franco 2016 |
| | Repensando As Relações De Gênero Nas Vivências Do Ultimate Frisbee Na Escola | Ana Aparecida T. da Silveira, Maria Aparecida Dias 2019 |
| | Educação Física E Questões De Gênero: Motivos Para A Escolha De Modalidades Esportivas Por Estudantes Do Ensino Médio De Uma Escola Militar | Lara Félix Jacoby, Silvana Vilodre Goellner 2020 |
| A Escola Tem Que Discutir; A Família Que Deve Orientar: As Escolas Rio-Grandinas E As Questões De Gênero | Thais Mortola Dias, Giovanni Felipe Ernst Frizzo 2021 | |
| Revista Pensar a Prática (B2) | gênero and escola | |
| | As Representações Do Corpo Feminino Na Educação Física Escolar: Um Estudo Com Alunas Do Ensino Médio | Leila Salvini Mauro Myskiw 2009 |
| | Questões De Gênero Na Educação Física Escolar: Uma Análise Nas Zonas Distritais De Rio Grande-Rs | Thais Mortola Dias, Giovanni Felipe Ernst Frizzo 2021 |
| | sexualidade and escola | |

| | | |
|--|---|--|
| | A Opinião Dos Professores De Educação Física Do Ensino Médio Sobre A Homossexualidade E A Homofobia Na Escola | Xênia Ferreira de Oliveira, Marcos Roberto Godoi, Luciene Neves Santos 2014 |
| Revista Ciência e Saúde Coletiva (B1) | Relações Desiguais De Gênero No Discurso De Adolescentes | Cássia Barbosa Reis; Nayana Rosa dos Santos 2011 |

Foram encontrados um total de 35 artigos científicos publicados nas revistas da área da Educação Física que discutem sobre gênero e/ou sexualidade. Foi estabelecido como critério de inclusão o artigo ter sido pensado e/ou realizado no contexto escolar e publicado até o ano de 2022. O primeiro artigo encontrado é datado em 1995 (FRAGA) e as últimas publicações são de 2021 (DIAS; FRIZZO; 2021).

Na década de 1990 foi possível verificar apenas uma publicação, intitulada "Concepções De Gênero Nas Práticas Corporais De Adolescentes", escrita por Alex Branco Fraga. Já nos anos de 2000 até 2010 foram publicados 13 (treze) artigos. Entre os anos de 2011 até 2021 foram produzidos 22 (vinte e dois) artigos. Diante disso, é possível observar que com o passar dos anos as discussões sobre gênero e sexualidade tiveram mais publicações.

Na Revista Movimento foram encontradas um total de 48 artigos, no período de 1995 até 2022, contudo somente 8 artigos traziam a discussão sobre gênero dentro da educação física escolar, aparecem temas como gênero nas práticas corporais, bullying, esportes, futebol, produção acadêmica, queer e turma mistas.

Em relação ao buscador de sexualidade and escola foram encontrados 11 artigos, publicados no período de 1996 e 2015, em que apenas 2 de fato entraram dentro dos critérios desta pesquisa. Entre eles, havia artigos que repetiam em ambos os descritores, como o artigo escrito por Aline Nicolino e Marlucy Paraíso (2018), o qual foi inserido em sexualidade and escola. Ocorreram também repetições com artigos sobre bullying e sobre as relações de gênero presentes na Escola. Ao identificar que alguns se repetiam, lia-se o resumo e as palavras-chave, inserindo-o na temática de maior correspondência.

Por seguinte, na Revista da Educação Física/UEM com Qualis B1 ao buscar por gênero and escola teve como resultado 10 artigos, no período de 2008 e 2021, em que somente um foi selecionado, intitulado "Orientação Sexual e Educação Física: Sobre A Prática Pedagógica do Professor na Escola", escrito por Ivan Luis Santos e Sara Quenzer Matthiesen, em 2012. E ao realizar a busca com o descritor sexualidade and escola

apareceram 4 artigos, único artigo que se encaixa na busca desta pesquisa já havia aparecido no descritor gênero and escola.

Na Revista Motriz - UNESP de Qualis B1 foram encontrados um total de 100 artigos que tratam de gênero e sexualidade, entre os anos de 2006 e 2017, mas apenas 7 entraram no levantamento, por tratarem sobre as temáticas na educação física escolar. Em relação ao descritor sexualidade and escola foram encontrados de 29 publicações, mas nenhuma entrou nos critérios de seleção desta pesquisa, pois algumas não discutiam sobre sexualidade no contexto escolar e outras eram repetidas dos/as seguintes autores/as: Vagner Matias do Prado e Arilda Inês Miranda Ribeiro (2010); Marlon Messias Santana Cruz e Fernanda Caroline Cerqueira Palmeira (2009); Sissi Aparecida Martins Pereira e Ludmila Mourão (2005); Rogério Cruz de Oliveira (2006); Vilma Canazart dos Santos (2010).

Dentro da Revista Brasileiro de Ciência do Esporte, Qualis B1, foram encontradas 4 publicações, no período de 2011 e 2016, entretanto somente duas estavam relacionadas às questões de gênero na escola. Tinha um artigo sobre a Ilha da Madeira que foi excluído porque a busca foi voltada para discussões sobre gênero dentro de instituições escolares brasileiras. O artigo “Escola de formação de ‘professoras’: as relações de gênero no currículo superior de educação física” não entrou na amostra, por tratar sobre formação e não sobre a educação física escolar. E em relação ao descritor sexualidade and escola não teve nenhuma publicação nesta revista.

No levantamento realizado na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Qualis B1, foi encontrada apenas uma publicação e esta não entrou no critério de seleção, porque traz sobre o recreio escolar e não sobre aulas de educação física escolar (WENETZ; MEYER; STIGGER, 2013). E ao buscar sexualidade and escola também foi encontrado somente uma publicação, que no caso é a mesma encontrada no descritor gênero e sexualidade e que não encaixa no critério de seleção desta pesquisa.

Na Revista Motrivivência de Qualis B2 ao usar o descritor gênero and escola foram encontradas um total de 25 publicações, entre os anos 2002 e 2022, sendo que apenas 11 se encaixavam no resultado final. E no descritor sexualidade and escola foram encontradas um total de 4 publicações, sendo que estas já haviam sido encontradas no primeiro descritor de gênero and escola, ou seja, eram repetidas.

A Revista Pensar a Prática, Qualis B2, tem como resultado 48 artigos no descritor de gênero and escola, entre o período 2006 e 2018, mas somente 2 se encaixam no critério de seleção desta pesquisa. E ao pesquisar sexualidade and escola teve um resultado de 21 publicações, mas somente 1 entrou dentro dos critérios de seleção, sendo este artigo também

encontrado no descritor de gênero and escola. Todavia, a temática deste artigo está mais relacionada a sexualidade and escola, por isso entrou dentro do descritor sexualidade and escola, intitulado: “A Opinião Dos Professores De Educação Física Do Ensino Médio Sobre a Homossexualidade e a Homofobia na Escola”, escrito por Xênia Ferreira de Oliveira, Marcos Roberto Godoi e Luciene Neves Santos, em 2014.

Na Revista Motricidade, Qualis B1, foram encontradas 7 publicações, entre os anos 2013 e 2020, na busca com o descritor de gênero and escola, mas nenhuma se encaixa nos critérios de seleção. Isto também ocorreu com o descritor sexualidade and escola, em que foram encontradas duas publicações, as quais não correspondiam aos critérios estipulados.

Já em relação a Revista Ciência e Saúde Coletiva, Qualis B1, foram encontradas 11 publicações, entre o período de 2009 e 2021, mas somente uma se encaixa nos critérios de busca em relação ao descritor de gênero and escola. Na busca com o descritor sexualidade and escola foram encontradas um total de 5 artigos, os quais não contemplavam a escola. O artigo “Relações Desiguais de Gênero no Discurso de Adolescentes”, escrito por Cássia Barbosa Reis e Nayana Rosa dos Santos (2011) aparece em gênero and escola e repete no descritor sexualidade and escola, o qual permaneceu em gênero. Também foi encontrado outro artigo que remete a sexualidade, mas trazia apenas como o ato sexual e não uma discussão ligada à orientação sexual. Por fim, a Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte de Qualis B3, não apresentou nenhum artigo com os descritores lançados.

Ao realizar o levantamento observou-se que há uma variedade de autoras/es que discutem sobre gênero e/ou sexualidade na educação física escolar. Apesar da primeira publicação ser de 1995 e a última em 2021, a maior parte das publicações encontra-se no período entre 2011 e 2021, contabilizando um total de 22 publicações. Em geral as publicações apresentam subtemas variados como: aulas sexistas, ensino do futebol dentro da escola e seus preconceitos, relações de desigualdades dentro da aula, homossexualidade e homofobia nas aulas, questões corporais, pessoas trans e travestis dentro da escola e o corpo queer na aula de educação física escolar. Isto é, não foi identificado um tema de maior publicização no campo escolar, mas uma diversidade de demandas e questões presentes nas aulas de Educação Física.

2.2 GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DENTRO DAS MONOGRAFIAS DA FEFD/UFMG

Compreendo que as questões de gênero e sexualidade são importantes para serem discutidas dentro da escola, por ser um espaço constituído pela diversidade, pelas diferenças e também por desigualdades. A escola da sociedade ocidental moderna impõe divisões internas através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 1997, p. 57). Diante da importância desses temas na escola, decidiu-se investigar o que vem sendo discutido dentro das monografias produzidas na Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, sobre tais temas nas aulas de Educação Física. A busca permitiu encontrar um total de 10 produções acadêmicas, sendo 4 monografias produzidas por homens e as outras 6 por mulheres, todas por estudantes do curso de Licenciatura. Consta a seguir a figura das monografias produzidas na FEFD/UFG que discutem sobre gênero e/ou sexualidade no ambiente escolar:

Figura 7 – Monografias sobre Educação Física Escolar.

| Título | Autora/r |
|---|---------------------------------------|
| Futebol Feminino no Contexto Escolar: Uma Abordagem do Ensino Deste Esporte Dentro das Aulas de Educação Física | Marcos Paulo da Silva Costa 1999 |
| A Legitimação dos Preconceitos Étnico/Raciais e de Gênero nas Aulas de Educação Física | Cleber de Sousa Carvalho 2001 |
| Relações nas Turmas Mistas de Educação Física Escolar | Edriane Silva Pereira 2002 |
| Esporte Escolar: Diálogos e Reflexões sobre a Discriminação da Mulher no Esporte | Debora Regina Dias dos Santos 2006 |
| Gênero e Esporte: As Relações entre o Esporte e a Construção da Identidade Masculina | Elker de Oliveira Lourenço 2008 |
| Prática Pedagógica em Educação Física, Gênero e Sexualidade: A Questão dos Conteúdos | Dennia Pasquali e Cabral 2010 |
| Políticas Públicas, Gênero e Sexualidade: Conflitos e Estigmas Vivenciados no Sistema Regular de Ensino | Valleria Araújo de Oliveira 2010 |
| Sexualidade na Escola: Quais as Perspectivas Docentes Para Orientação Sexual Homoafetiva? | Adoracino Vaz de Jesus 2011 |
| Gênero, Sexualidade e Educação Sexual: Problematizando o Tema nas Aulas de Educação Física | Aline Rodrigues Bernardo 2012 |
| Educação Física E Infância: Dialogando a Categoria Gênero na Educação Infantil em Goiás | Tássia Gomes Moreira 2018 |

Somente uma monografia foi produzida nos anos 1990, sendo que já foi no final da década (COSTA, 1999). E 6 monografias foram produzidas entre os anos de 2000 até 2010. E

apenas 3 monografias foram produzidas entre 2011 e 2021. No ano de 2010 ocorreram duas produções acadêmicas. Observa-se que foi diferente do resultado encontrado no levantamento dos periódicos científicos da área da Educação Física, em que teve mais publicações científicas entre os anos de 2011 e 2021. Apesar de gênero e sexualidade serem cada vez mais discutidos socialmente, não ocorreu maior número de produções na FEFD/UFG.

Durante as análises das monografias observou-se que a demanda pela produção foi tanto pessoal (PEREIRA, 2002; LOURENÇO, 2008; OLIVEIRA, 2010; JESUS, 2011; MOREIRA, 2018) quanto acadêmica (COSTA, 1999; CARVALHO, 2001; SANTOS, 2006; PASQUALI E CABRAL, 2010; BERNADO, 2012). Em relação a demanda pessoal podemos observar como por exemplo a monografia produzida Jesus (2011) que afirma se dar por acontecimentos no contexto escolar e na vida pessoal do pesquisador. E como exemplo da demanda acadêmica citamos como exemplo o caso da monografia da autora SANTOS (2006) que afirma ser relevante para os educadores do corpo.

Já em relação as discussões dentro das produções acadêmicas observamos que foram variadas, trazendo questões como esporte (COSTA, 1999; SANTOS, 2006; LOURENÇO, 2008) conteúdo das aulas (PASQUALI E CABRAL, 2010; BERNADO, 2012), turmas mistas (PEREIRA, 2002), políticas públicas (OLIVEIRA, 2010), homossexualidade (JESUS, 2011), preconceitos dentro das aulas (CARVALHO, 2001) e discussão de gênero dentro da Educação Infantil (MOREIRA, 2018).

A discussão que mais apareceu foi sobre o conteúdo de esportes dentro das aulas, um total de 3 monografias, trazendo como análise principal o esporte (COSTA, 1999; SANTOS, 2006; LOURENÇO, 2008). Uma dessas monografias sobre esporte discute em especial a prática do futebol durante as aulas de Educação Física. Apesar de se tratar de Futebol feminino foi produzida por um homem (COSTA) no ano de 1999. Esta produção acadêmica contou com 5 professores de educação física entrevistados, no qual, de acordo com o autor Costa (1999) foi possível observar nas falas dos professores que a maioria acha difícil dar aula de futebol, tendo em vista se tratar de um esporte muito técnico e tático, e também por necessitar separar as turmas, “onde os meninos jogam e as meninas brincam de rodas, queimada e ou qualquer modalidade, menos o futebol” (COSTA, 1999, p. 40).

Realidade esta que também foi observada na pesquisa das autoras Pereira e Mourão (2005), que ao observarem do comportamento das crianças de Classe de Alfabetização – CA - até a 4ª série do ensino fundamental no Rio de Janeiro, notaram que meninos jogavam futebol e bola de gude, já as meninas jogavam queimada, brincadeiras de piques ou apenas ficavam conversando. Portanto, dentro do ambiente escolar os meninos têm mais acesso e estímulo a

práticas esportivas, principalmente o futebol, sendo este um território dominado por eles, deixando as meninas à margem.

O esporte e, principalmente, o futebol é um campo da luta feminista, em que é ainda necessário lutar para jogar, treinar, competir e as mulheres também lutam para que sejam respeitadas e reconhecidas como atletas (ALTMANN, 2009). E o que acontece nas aulas de educação física é apenas um reflexo da sociedade em geral, pois o futebol feminino não tem a mesma atenção e divulgação que o futebol masculino, este é ainda um território a ser plenamente conquistado pelas mulheres. Dessa forma, afirma Silvana Goellner (2005, p.149-150):

ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras mas a sua imagem e o seu comportamento.

Ainda sobre a discussão esportiva dentro das aulas de educação física, foram produzidas duas monografias que discutem sobre gênero no ambiente escolar. Uma das monografias propõe diálogos e reflexões sobre a discriminação da mulher no esporte (SANTOS, 2006). E a outra monografia discute sobre a construção da identidade masculina por meio do esporte (LOURENÇO, 2008).

A monografia produzida por Santos (2006) proporciona discutir e refletir sobre a mulher em diferentes contextos, na prática da educação física e também dialoga estas questões dentro do universo adolescente. E dentro desse universo da adolescência, a autora observou uma questão latente que é demonstrada pelas adolescentes em relação aos seus corpos, a insatisfação com seus corpos. Afirma, nesse sentido, que o corpo feminino é objeto de uso e de consumo dentro da prática esportiva, e também, “vem sendo discriminado de forma pejorativa (improdutiva) no esporte competitivo escolar quando comparado com esporte dito masculino” (SANTOS, 2006, p.81). O corpo da mulher é cobrado para representar a feminilidade, evitando-se o esporte de contato para não machucar e até mesmo não desenvolver músculos aparentes. De acordo com artigo científico das autoras Camargos, Werle e Saraiva (2010, p. 6) o corpo da mulher foi educado “conforme um modelo de feminilidade relacionado à saúde e à beleza e perduram na forma de estereótipos atribuídos a cada sexo”.

O esporte é uma prática que não somente dita como deve ser o corpo da mulher, mas também marginaliza, discrimina e exclui as mulheres, como observado na conclusão da produção acadêmica da autora Santos (2006, p.77), ao afirmar que:

a nossa pesquisa infelizmente vem confirmar uma vez mais o que outros estudos já constataram: a mulher ainda sofre discriminação, marginalização e exclusão, no esporte na escola, na sociedade e na cultura como um todo. E isto se deve às condições objetivas da prática sócio-cultural manifesta num modelo de sociedade que continua discriminando mulheres, as minorias, portadores de necessidades especiais, a raça, entre outros.

E esse mesmo esporte que dita para a mulher um corpo de feminilidade relacionado à saúde e a beleza, também cobra do homem um corpo viril e forte. De acordo com a pesquisa científica das autoras Pereira e Mourão (2005, p.206) é possível refletir que “a corporeidade tem como referência estereótipos ligados à imagem e ao desempenho corporais, que, não raro, são reproduzidos e perpetuados pela escola”. Portanto, o corpo representa qual é a identidade de gênero, sendo uma determinação que vai limitar como deve agir e ser.

Na monografia produzida por Lourenço (2008) que discute sobre a identidade masculina o autor afirma que para meninos existe uma expectativa de segurança, altivez, agressividade, brutalidade e força; e já para as meninas espera-se delicadeza e cuidados, bons modos. O autor Lourenço (2008, p.37) em sua monografia acredita que “os homens buscam um afastamento dos comportamentos e características pertencentes ao universo feminino, usando assim as especificidades e diferenças biológicas para sustentarem seus comportamentos e privilégios, afirmando serem naturais e instintivos esses atributos, negativos, para todos os homens”. Essas características das identidades masculina e feminina são construídas socialmente e refletem no dia a dia da escola.

No artigo científico de Cruz e Palmeira (2009, p.116) afirma-se que “as instituições, escola e família, são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados acerca das questões de gênero”. Observa-se então, que dentro das aulas de educação física na escola são reproduzidos conceitos equivocados sobre as identidades de gênero. Portanto, existe uma “necessidade de reflexão sobre as convenções naturalizadas pela sociedade, e reproduzidas pela educação, que diferenciam os comportamentos de meninos e meninas” (PEREIRA E MOURÃO, 2005, p. 209). E desta forma poderemos estimular atitudes para evitar e superar atitudes de preconceitos baseados na diferença biológica entre os sexos.

Ao discutir sobre os reflexos das identidades de gênero nos deparamos com outra questão dentro da Educação Física Escolar que busca diminuir as divisões de gênero dentro

das aulas. Entende-se que as aulas mistas dentro dos conteúdos da Educação Física seja um caminho para evitar práticas sexistas, com aulas divididas para meninos e meninas. Aulas de Educação Física que divide meninos e meninas, em que um grupo vai ter determinadas vivências corporais diferente do outro grupo. Não sendo assim, aulas que pautam-se pela diversidade. Sobre este tema foi produzido por Pereira (2002) uma monografia acadêmica que busca identificar os motivos que levam professores e professoras de Educação Física a separarem as turmas mistas nas aulas práticas.

Na presente monografia (PEREIRA, 2002) a autora afirma que é importante unir meninos e meninas durante as aulas de Educação Física. E acredita que os/as professores/as são agentes transformadores e que apenas precisam de um incentivo, de uma nova direção, para serem capazes de mudar essa divisão dentro das aulas. Para as autoras Goellner e Jacoby (2020, p. 12), as aulas de turma mista representa o seguinte:

entendemos que as aulas mistas são fundamentais para promover modos de “pensar fora da caixa” ao possibilitarem, por exemplo, desconstruir práticas e representações que, fundamentadas pelo discurso biológico, promovem desigualdades entre alunos e alunas no contexto da disciplina Educação Física. Para que isso aconteça, urge discutir e traçar estratégias voltadas para a superação de um modo de operar instituído há muito tempo, o que inevitavelmente vai exigir do corpo docente da instituição vontade política e pedagógica. Desafio necessário e imprescindível para que os/as alunos/as da instituição possam vivenciar situações equânimes do ponto de vista da cultura corporal de movimento, desenvolver o pensamento crítico e, de fato, pensar fora da caixa.

Aulas sexistas podem gerar preconceitos baseados na diferença biológica entre os sexos. Uchoga e Altmann (2016, p. 164) afirmam que “a separação da turma ocorre e se justifica em nome de determinadas concepções das possibilidades do corpo diante o movimento, percebidas como distintas para homens e mulheres”. Entende-se que a desigualdade de participação nas diferentes práticas corporais “ainda não está superada [...] elas ocorrem a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos” (UCHOGA; ALTMANN, 2016, p. 169). Esta separação de turma aumenta ainda mais as divisões entre meninos e meninas, entre mulheres e homens. Durante as aulas de Educação Física é importante haver uma diversidade, não somente de gênero, mas racial, de inclusão e de reflexão. Aulas em que ocorrem turma mista podem possibilitar aprender com as diferenças de cada um/a e assim os preconceitos que ocorrem durante as aulas.

Sobre esses preconceitos que podem ser observados nas aulas de Educação Física Escolar o autor Carvalho (2001) busca sua monografia compreender como operam os

preconceitos e quais são suas implicações na vida social e escolar. O autor (*idem*, 2001) afirma que nem mesmo a escola e nem os/as professores/as conseguem identificar momentos de preconceitos como problemas, desta forma legítima a reprodução das desigualdades sociais entre homens e mulheres. Segue ainda afirmando que:

A escola é um espaço onde todos os conflitos do meio social fazem-se presentes de forma muito significativa. Neste sentido, os preconceitos de etnia/raça e de gênero, encontram-se articulados, sendo percebidas, então, atitudes discriminatórias por parte dos(as) alunos(as) e professores(as) que acabam limitando as possibilidades de construção do saber das pessoas e grupos que tornam-se o objeto do preconceito colaborando, assim, com a reprodução das desigualdades sociais dentro do ambiente escolar. (CARVALHO, 2001, p.12)

A literatura científica afirma o mesmo quanto o ambiente da escola, em que “a escola institui diferenças de gênero por meio da educação dos corpos e das formas de viver a sexualidade tornando-se, por isso, lócus privilegiado de construção de identidades masculinas e femininas, reprodução do ideal heterossexual e das desigualdades de gênero” (RESENDE, 2011, p. 76). Essas diferenças geram desigualdades e preconceitos durante as aulas .

Outro tipo de preconceito observado dentro das aulas de educação física é quanto à sexualidade, discussão presente na monografia produzida por JESUS (2011), a qual discute sobre a homossexualidade dentro das aulas de Educação Física. Em sua monografia Jesus (2011, p. 35) apresenta como resultado de suas análises o seguinte:

É importante que se discuta em sala de aula, na escola, também sobre questões ligadas a orientação sexual, no sentido de afetividade, homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade etc. no sentido de minimizar preconceitos e de esclarecimento. E se há essa discriminação em relação a esses temas e/ou à indivíduos de orientações sexuais diferentes é importante investigar o motivo da mesma para assim poder elaborar estratégias de combate, não somente discriminação em relação a homossexualidade, mas a diversidade sexual e a qualquer tipo de preconceito ou discriminação. É necessário fazer com que a escola seja um lugar onde a educação aconteça objetivando a formação do indivíduo para que saiba viver em sociedade tendo consciência dos seus direitos e respeitando os direitos dos outros.

A escola defende uma norma heteronormativa, a sexualidade aceitável e predominante é somente a heterossexualidade, considerando outras sexualidades como desviantes. As autoras Nicolino e Paraíso (2018, p. 95) afirmam que a “sexualidade é um dos instrumentos utilizados pela Educação Física para reiterar e produzir a ideia de uma moral sexual do corpo social, pautando-se na heterossexualidade como norma para a produção de sujeitos ‘saudáveis e normais’”. Dentro da escola ocorre um silenciamento diante de questões de sexualidade, em que professoras/es não sabem como intervir em situações de preconceito sexual. Sobre esse silenciamento a Louro (1997, p. 67 e 68) apresenta o seguinte:

Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento — a ausência da fala — aparece como uma espécie de garantia da "norma". A ignorância (chamada, por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos "bons" e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

E para superar os preconceitos de gênero e sexualidade dentro das aulas de Educação Física é necessário pensar sobre os conteúdos que serão ministrados dentro da escola e se planejar de acordo com as aulas. E sobre os conteúdos que discutem sobre gênero e sexualidade dentro da aula de Educação Física foram produzidas duas monografias na FEFD/UFG: CABRAL, 2010; BERNARDO, 2012. Ambas monografias apresentam a importância da discussão sobre gênero e sexualidade estarem presentes dentro dos conteúdos de aulas de Educação Física.

Na monografia produzida por Cabral (2010) foram identificadas três questões aos conteúdos que discutem gênero e sexualidade, sendo: dificuldade de perceber contradições sociais no cotidiano escolar; prática pedagógica frente aos problemas de formação e intervenção; e a percepção e o enfrentamento das problemáticas no cotidiano escolar. A autora ainda identifica em sua monografia que uma das soluções encontradas pelos/as docentes para minimizar as diferenças sociais existentes foi principalmente pela intervenção pedagógica por meio de diálogos com os/as estudantes (*idem*, 2010).

A autora Bernardo (2012, p. 40) observa que nas “aulas de Educação Física os temas gênero, sexualidade e educação sexual, na maior parte das vezes, só são discutidos de forma paliativa e esporadicamente, visto que a discussão acontece somente quando alguma situação ‘problema’ é ‘apresentada’”. Na pesquisa científica realizada por Uchoga e Altmann (2016, p. 169), com o objetivo de identificar como os diferentes conteúdos da educação física interferiam nas relações de gênero dentro das aulas, chegou-se à conclusão de que “não exclusivamente os conteúdos, mas também outras categorias que atuam junto a esses, interferem na relação de meninos e meninas nas aulas”. As autoras Uchoga e Altmann (2016, p. 169) notaram que ainda não foi superada a desigualdade de participação nas diferentes práticas, e que estas ocorrem “a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos”. É necessário ministrar conteúdos que possibilitem meninos e meninas terem as mesmas vivências corporais sem levar em conta somente corpo e habilidade

física. A autora Bernardo (2012) reconhece em sua monografia que existe uma ausência de discussão sobre gênero e sexualidade durante a formação e também falta de políticas públicas e apoio institucional.

Sobre a questão de políticas públicas foi produzida uma monografia acadêmica (OLIVEIRA, 2010) que discute sobre esta temática. Esta monografia buscou abordar as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar dentro das políticas públicas, concluindo que a partir da análise dos documentos:

que são elaborados com o objetivo de nortear a prática pedagógica dos professores e professoras, pudemos observar que, mesmo que minimamente, as temáticas gênero e sexualidade são apontadas como abordagens a serem trabalhadas nas escolas, de modo que identificou-se que há uma preocupação que perpassa as discussões de gênero e sexualidade, bem como um ponto de partida para se pensar nestas problemáticas. Em contrapartida, identificamos que, embora existam referências e indicações para abordagem dessas questões, não há apontamentos para nortear a abordagem dessas problemáticas nas instituições de ensino regular, assim como não há um norte e um trabalho contínuo para serem efetivados os direitos humanos. Desse modo, essas abordagens ficam a cargo do interesse, das possibilidades de cada escola, educador (a) e governo.(OLIVEIRA, 2010, p. 83-84).

É necessário, nos termos da autora, que a política pública seja efetiva e que também dê condições para que professoras/es e gestores da escola consigam juntamente com as/os estudantes construir uma cultura escolar que respeite a diversidade e aprenda com ela, e que garanta a proteção dos direitos humanos (OLIVEIRA, 2010). O conteúdo sexista das aulas de Educação Física e ausência de políticas públicas efetivas sobre gênero e sexualidade faz com que não ocorra uma convivência solidária e diversificada entre meninos e meninas.

Por fim, a última monografia produzida na FEFD/UFG que trata sobre gênero e/ou sexualidade apresenta uma discussão de gênero dentro da Educação Infantil datada do ano de 2018. Nesta monografia (MOREIRA, 2018), a autora buscou investigar as questões de gênero que permeiam a prática docente na Educação Física Infantil. Em sua conclusão, a autora traz que “uma intervenção mediadora, contestadora e emancipatória é capaz de não reforçar e reproduzir as posições estabelecidas para homens e mulheres, considerados na nossa sociedade como algo natural e irreversível” (MOREIRA, 2010, p. 60). Portanto, de acordo com pesquisa realizada por Sayão (2002, p. 12) “ter como meta uma política de igualdade social entre homens e mulheres é algo que precisa ser elaborado desde o nascimento e em todos os tempos e espaços da vida social, como uma opção político-educacional”. O que significa pensar, que independentemente da idade é necessário refletir sobre as questões de gênero e sexualidade, tendo em vista que essas questões não estão somente nas aulas de

Educação Física do ensino médio e fundamental, mas também presentes na Educação Infantil e fora dos muros das escolas.

Diante da leitura e da análise das monografias produzidas na FEFD/UFG no contexto escolar, foi possível identificar uma diversidade de temas e questões presentes nas aulas de Educação Física. O que mais me chamou a atenção na contextualização das situações, nas demandas e nos resultados apresentados pelas autoras/es foi a importância do/a professor/a de Educação Física na mediação de situações e questões manifestadas durante as aulas, em que o posicionamento docente, diante de questões que envolvem preconceitos e discriminações durante as aulas, exige uma formação inicial e continuada pautada em teorias científicas (feministas, de gênero, queer) para intervir e dialogar sobre preconceitos e formas de violência. Isto é, a ausência de posicionamento corrobora para uma prática de silenciamento que acarreta uma afirmação do que está posto, em que se omitir torna-se um posicionamento pedagógico. Nesse sentido, as autoras Paraíso e Nicolino (2018, p.102) afirmam quanto a questão da sexualidade e que aqui também podemos pensar como uma questão de gênero que “o ‘não-dito’ apresenta-se como um meio de educar, em virtude da falta de reconhecimento de saberes sociais e culturais que envolvem o tema”. Esse silenciamento também ocorre por uma falta de políticas públicas que incentivem e possibilitem professores/as e gestores/as discutir essas temáticas dentro da escola. Há também uma abordagem pequena dessas temáticas durante a formação acadêmica, que gera consequentemente uma ausência de discussão durante as aulas de Educação Física Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi algo marcante em minha trajetória acadêmica e também na vida pessoal, pois me debrucei nos estudos feministas que me fizeram refletir sobre o mundo ao meu redor. Trouxe a pesquisa para minha realidade social, observei as pessoas à minha volta, os discursos conservadores que antes eu não os notava, e até mesmo fiz reflexões sobre a divisão de gêneros em outros ambientes sociais, indo além da Educação Física.

Durante a imersão nas leituras tão enriquecedoras constatei algo que já havia sentido anteriormente: a divisão entre os gêneros e os preconceitos quanto à sexualidade. Contudo não refletia sobre essa realidade e nem a contestava, apenas achava que era “natural”, assim como a maioria das pessoas. Acreditava que já estava imposto e ditado como deveria ser e assim seguia sendo. Entretanto, durante os estudos feministas no início de 2017 dentro do Laboratório Labphysics assustei, tive conflitos, aceitei e por fim, me respeitei.

A presente pesquisa, advinda de um interesse pessoal, e por acreditar na sua importância acadêmica, buscou compreender o que as/os estudantes de Educação Física apresentam em suas monografias sobre gênero e sexualidade. Realizando um mapeamento de todas as produções acadêmicas entre 1994 e 2021, fazendo um levantamento da quantidade de monografias que discutem sobre gênero e sexualidade, verificando quais os subtemas que mais apareceram e por fim, analisando quais são as demandas, objetivos e discussões mais potentes dentro da Educação Física Escolar. A escolha em transformar as discussões sobre gênero e sexualidade em um produto de finalização do curso, pode sinalizar o quanto estas questões estão presentes e, ao mesmo tempo, ausentes na formação.

Observei durante essas análises que nas 1.493 monografias produzidas na FEFD/UFG apenas 31 (trinta e uma) trouxeram para discussão gênero e sexualidade, mesmo sendo estes temas, tão importantes e presentes na Educação Física e também muito debatidos nos últimos anos em toda sociedade. Os subtemas que mais apareceram neste levantamento foram 5 (cinco): Educação Física Escolar, Esportes, Formação e Pesquisa, Lutas e Práticas Corporais. Constatei com esta pesquisa a necessidade de discutir gênero e sexualidade durante a formação, evitando-se uma pedagogia do silenciamento dentro de diversos ambientes, como escola, práticas esportivas e universidade.

Nesta pesquisa observei discussões sobre a importância das mulheres conquistarem lugares predominantemente masculinos, assumirem espaços e fortalecerem suas conquistas. Identificou-se que a falta de discussão sobre as questões de gênero e sexualidade no

processo de formação docente (inicial e continuado), impacta na falta de identificação, compreensão e mediação dessas questões na prática pedagógica, reverberando em silenciamentos e, algumas vezes, em práticas sexistas e discriminatórias, (re)produzindo a lógica heteropatriarcal e sexista vigente. O que se aprende durante a formação acadêmica terá reflexo em diversos lugares, irá “respingar” na vida profissional, mas principalmente na vida pessoal.

A escolha por analisar o que se discutiu dentro das monografias sobre Educação Física Escolar partiu de uma compreensão de que as aulas de Educação Física estão envolta de preconceitos e discriminações de gênero e sexualidade. O ambiente escolar também configura um ambiente de construção social, onde dita o que pode e não pode, o que é aceitável e o que não é aceitável. Buscou-se então, compreender quais seriam as possibilidades de se evitar tais práticas de preconceitos e discriminações nas aulas. Esta pesquisa é importante para conscientizar as/os leitoras/es sobre a necessidade de se discutir e refletir sobre gênero e sexualidade durante a formação acadêmica das/os futuras/os professoras/es de Educação Física. A falta de discussão sobre os temas e a reprodução de práticas sexistas, assim como a falta de políticas dentro da universidade, pode gerar uma sensação de “consentimento” e de “silenciamento”, e assim manter e aumentar as desigualdades.

Com esta pesquisa observou-se a importância de políticas públicas que assegurem tratar destas questões dentro da escola, sem ter uma perseguição de grupos conservadores. E também que prática docente é essencial em todos os momentos da aula, antes quando pensa e planeja os conteúdos evitando-se aulas sexistas; durante e no fim das aulas, quando ao deparar com atitudes e comentários preconceituosos e discriminatórios a/o professora/r age de forma assertiva para proporcionar uma reflexão e discussão sobre o que está acontecendo. Dentro das aulas de Educação Física ficou visível a importância da/o professora/o de Educação Física, podendo esta/e interferir imediatamente e também propor questões de discussão e reflexão no ambiente escolar.

Compreendo ser importante ter uma disciplina no currículo obrigatório dos cursos de Bacharelado e Licenciatura que explique sobre estas temáticas e proporcione a/ao futura/o professora/r possibilidades efetivas de trabalhar estas temáticas de forma segura e afirmativa. Também possibilita a intervenção em momentos de atitudes ou comentários preconceituosos e discriminatórios. Como ainda não existe uma disciplina curricular obrigatória para discutir tais temáticas, creio que seria importante os próprios docentes

universitários proporcionarem tais discussões dentro de suas aulas, principalmente nas aulas de práticas esportivas e práticas corporais, onde fica ainda mais latente questões de discriminações e preconceitos, advindos principalmente dos estudantes universitários. Estas questões podem vir através de reflexões oriunda de discussão textual, como por exemplo, nas aulas de futebol proporcionar momentos de discussão sobre o futebol feminino e toda importância de garantir que meninas também vivenciem o futebol.

Entendo que não poderia ser somente um pequeno momento da disciplina para discutir estas temáticas, mas ao longo de toda a formação acadêmica, não sendo restrita somente ao ambiente de aula e nem somente a uma disciplina. Tendo em vista que existem vários temas que atravessam as questões de gênero e sexualidade, como por exemplo a importância de aulas mistas, a inclusão de meninas em todos os exercícios, evitar atitudes sexistas e machistas durante a aula. Creio que seja um efeito dominó, em que se a/o professora/o docente possibilita uma reflexão sobre gênero e sexualidade durante sua aula na graduação a/o discente irá aprender mais sobre estas questões e isso irá refletir em sua aula dentro da escola, conseqüentemente irá proporcionar para estudantes em fase escolar reflexão e discussão sobre estas temáticas. E assim, possibilitar a emancipação crítica dos sujeitos em todas as etapas de aprendizagem.

Dessa forma, é importante durante a formação acadêmica as/os acadêmicas/os realizarem leituras, debates e discussões sobre gênero e sexualidade para uma melhor capacitação e uma adequada intervenção em situações de discriminação, de estereótipos e de problematizações que não só poderão ocorrer no contexto da sua profissão, mas em todo seu convívio social. As discussões e reflexões dentro da universidade são importantes para que sejam expandidas para a comunidade e dessa forma, proporcionar para todas/os uma sociedade mais justa com garantias fundamentais.

Acredito que com essas discussões e reflexões sendo realizadas durante a formação acadêmica elas poderão refletir nas aulas de Educação Física dentro das escolas e daqui um tempo vivermos numa sociedade que respeita as diversidades e que as equidades estejam presentes nas leis, salários, responsabilidades etc. E que assim, as pessoas possam ter mais conhecimento sobre as lutas e conscientizem-se sobre a importância de discutir gênero e sexualidade buscando desta forma que todas e todos sejam respeitadas/os e livres para viverem em sociedade com qualidade de vida e direitos garantidos.

REFERÊNCIA

- ALTMANN, Helena. Currículo, Gênero e Esportes. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. FURG: Rio Grande, 2009.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. *Gênero Na Prática Docente Em Educação Física: “meninas não gostam de suar; meninos são habilidosos ao jogar”?* Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.
- BAIMA, Lorena Soares. *Yoga: Masculino Ou Feminino? Um Estudo Investigativo Sobre A Prática De Yoga em Goiânia-Go*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERNARDO, Aline Rodrigues. *Gênero, Sexualidade E Educação Sexual: Problematizando O Tema Nas Aulas De Educação Física*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2012.
- CABRAL, Dennia Pasquali e. *Prática Pedagógica Em Educação Física, Gênero E Sexualidade: A Questão Dos Conteúdos*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2010.
- CAMARGO, Julieta Furtado ; WERLE, Verônica; SARAIVA, Maria do Carmo . *História Das Mulheres Nos Esportes E Na Educação Física: Mapeando Produções Científicas – De 2000 A 2008*. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.
- CARDOSO, Francione. *Alguns Apontamentos Sobre Representações Sociais E O Futsal Feminino*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2000.
- CARNEIRO, Gabriella de Oliveira. *Voleibol Em Goiás: Trajetória De Jogadoras Da Seleção Goiana Infante De Voleibol*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2014.
- CARVALHO, Cleber de Sousa. *A Legitimação Dos Preconceitos Étnico/Raciais E De Gênero Nas Aulas De Educação Física*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2001.
- COSTA, Marcos Paulo da Silva. *Futebol Feminino No Contexto Escolar: Uma Abordagem Do Ensino Deste Esporte Dentro Das Aulas De Educação Física*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 1999.
- DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; CLAIR, Emerson Saint; NERY, Luiz Carlos Pessoa. *Estudos de gênero na Educação Física Brasileira*. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.
- CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. *Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar*. Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. organiz. *Métodos de pesquisa*. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009 p.66

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. *Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades*. Revista Tempo. Vol. 17 n. 34. Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo. UFRGS: novembro de 2012.

_____. *A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física*. In: SCHWENGBER, M. S. V.; DORNELLES, P. G.; WENETZ, I. (Org.). Educação física e gênero: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013

GOELLNER, Silvana Vilodre; ANJOS, Luiza Aguiar dos; ANDRES, Suélen de Souza; BENDER, Natália. *Formação Em Programas Sociais: Pelc E Vida Saudável (Educação A Distância - Ead)*. Ministério do Esporte. Universidade Federal de Minas Gerais. 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à Pesquisa Científica*. 4. ed. Campinas: Editora Alínea, 2007.

INNATA. *Características da família tradicional*. 2016. Disponível em: <<http://br.innata.com/c-organizacao-familiar/a-caracteristicas-da-familia-tradicional-2839.html>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

JESUS, Adoracino Vaz de. *Sexualidade Na Escola: Quais As Perspectivas Docentes Para Orientação Sexual Homoafetiva?* Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz . *A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero*. Psicologia Política. vol. 18. nº 43. pp. 449-502 set. – dez. 2018

LOUREIRO, Mariana Mayumi Yamada. *Homens Que Dançam: Discutindo Gênero E Sexualidade No Balé Clássico*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2012.

LOURENÇO, Elker de Oliveira. *Gênero E Esporte: As Relações Entre O Esporte E A Construção Da Identidade Masculina*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

_____. (orga). *Pedagogias da sexualidade*. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LÜDKE, Menga; André, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alves. *Educação Física e Gênero: olhares em cena*. São Luís: Imprensa UFMA/CORSUP, 2003.

MACHADO, Aline Gomes; PIRES, Roberto Gondim. *Identidade De Gênero E Suas Implicações Sobre A Sexualidade Na Perspectiva De Professores De Educação Física*. *Motrivivência* V. 28, N. 48, P. 360-375, Setembro/2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª edição. São Paulo – SP: Editora Atlas, 2003.

MELO, Sílvia Ferreira de. *A Mulher E O Esporte*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2000.

MOURÃO, Ludmila. *Representação social da mulher brasileira nas atividades físico desportivas: da segregação à democratização*. *Movimento* - Ano VII - Nº 13 - 2000/2.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Escolarização Da Sexualidade: O Silêncio Como Prática Pedagógica Da Educação Física*. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 93-106, jan./mar. de 2018.

NICOLINO, Aline da Silva; SILVA, Ana Marcia; ROSA, Milena Louise Rodrigues. *Produção do conhecimento sobre gênero: contribuições para o campo acadêmico da Educação Física em Goiás*. *Arquivos Em Movimento*, v.15, n.1, p.129-149, JAN-Jul 2019

OLIVEIRA, Anderson de Souza Bueno de. *A Questão De Gênero No Currículo De Formação De Professores De Educação Física*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2016.

OLIVEIRA, Valleria Araujo De. *Políticas Públicas, Gênero E Sexualidade: Conflitos E Estigmas Vivenciados No Sistema Regular De Ensino*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2010

PADRE Paulo Ricardo. *Os Cinco Mandamentos da Ideologia de Gênero*. Christo Nihil Praeponere. 26 de Outubro de 2015. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/os-cinco-mandamentos-da-ideologia-de-genero>>. Acesso em: 13 de julho de 2018.

PAIVA, Aida Lino de. *A Discriminação Da Mulher Nas Aulas De Taekwon-Do*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 1997.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Gênero na Formação Docente: Campo de Silêncio no Currículo*. *Cad. Psq.* N.102. p. 23-45. Nov. 1997.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *A Ciranda do Currículo com Gênero, Poder e Resistência*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016.

PEREIRA, Danielly da Silva. *Gênero, Futebol e Mulher: Uma abordagem sobre a participação Feminina em Goiânia*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2003.

PEREIRA, Edriane Silva. *Relações Nas Turmas Mistas De Educação Física Escolar*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2002.

PRADO, Beatriz De Almeida. *Mulheres No Dojan: Significados Acerca Da Participação Feminina Entre Praticantes De Taekwondo*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2013.

RODRIGUES, Janayna Nogueira. *"Menina É Boa!!! Bate Palma Pra Ela..?" Um Estudo Sobre A Participação Feminina Na Capoeira Angola Em Goiânia*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2002.

ROSA, Taciane Borges Garcia. *Luvas Rosas, Mãos Pesadas: Um Estudo Sobre A Participação De Mulheres Na Prática De Boxe Na Cidade De Goiânia*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2013.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 15 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

SAYÃO, Deborah. *Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à Educação Física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas-SP, v.23, n. 2, p. 55-68, jan. 2002.

SANTOS, Debora Regina Dias dos. *Esporte Escolar: Diálogos E Reflexões Sobre A Discriminação Da Mulher No Esporte*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG, 2006.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosangela Araujo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia. *Pesquisas Quali-Quantitativas: Contribuições Para A Pesquisa Em Ensino De Ciências*. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.5, n.9, p. 569-584, dez. 2017.

SIGNIFICADOS. *Significado de Ideologia de gênero*. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

SILVA, Everton Lamare Costa Melo e. *Discussões Sobre Preconceito, Racismo E Sexualidade Na Formação Inicial Em Educação Física*. Monografia de Graduação. Goiânia – GO: UFG,

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. *Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula*. Rev. Bras Ciên Esporte, 2016; 38(2): 163-170.

APÊNDICE

NÚMERO: 1

TÍTULO: FUTEBOL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM DO ENSINO DESTE ESPORTE DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DATA: 1999

AUTORA/R: Marcos Paulo da Silva Costa

CURSO: Licenciatura

ORIENTADORA/R: Francisco Luiz De Marchi Netto

DISCUSSÃO: Futebol

DEMANDAS: Acadêmica: contribuir com uma análise crítica e uma abordagem qualitativa do fenômeno social que abrange o futebol, principalmente, o feminino. (INTRODUÇÃO) p.7

OBJETIVOS: Analisar o ensino de futebol feminino no âmbito escolar. (RESUMO) P.4

RESULTADOS: “(...) é importante o ensino do futebol feminino dentro da escola, onde quem realmente estará ganhando serão professores, alunos e sociedade, da qual esta última mudará sua forma de pensamento com relação à mulher dentro do esporte.” P.50

“Vejo que a discriminação que este esporte traz facilita a condição de superioridade do mundo machista em relação ao feminista em nossa sociedade, onde em cada canto se pratica o futebol; por parte dos homens, e que as mulheres quando não são esposas, são meras espectadoras de uma modalidade que é sinônimo de hegemonia mundial.” P47 (CONCLUSÃO)

DESTAQUES: “Vejo que a discriminação que este esporte traz facilita a condição de superioridade do mundo machista em relação ao feminista em nossa sociedade, onde em cada canto se pratica o futebol; por parte dos homens, e que as mulheres quando não são esposas, são meras espectadoras de uma modalidade que é sinônimo de hegemonia mundial.” p. 47

NÚMERO: 2

TÍTULO: A LEGITIMAÇÃO DOS PRECONCEITOS ÉTNICO/RACIAIS E DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DATA: 2001

AUTORA/R: Cleber de Sousa Carvalho

CURSO: Licenciatura

ORIENTADORA/R: Anegleyce Teodoro Rodrigues

DISCUSSÃO: Preconceitos

DEMANDAS: Pesquisa de Iniciação Científica sobre os aspectos simbólicos presentes nas aulas de Educação Física que traduzem as relações de gênero que são construídas na vida em sociedade. (INTRODUÇÃO, p.14)

OBJETIVOS: “Compreender a constituição dos preconceitos étnico/raciais e de gênero na sociedade brasileira e suas implicações históricas na Educação Física escolar.” (INTRODUÇÃO, p.12)

“Investigar como os sujeitos elaboram/incorporam os preconceitos na sua relação com a integração social; resgatar a formação da sociedade brasileira com referência na consolidação do ideário racista e no mito da democracia étnico/racial; analisar as questões de gênero baseando-se nas implicações decorrentes do mito da inferioridade biológica da mulher; e desvelar as influências da disciplina de Educação Física na legitimação dos preconceitos étnicos/raciais e na formação rígida dos papéis sexuais da sociedade brasileira.” (p.13)

RESULTADOS: “Para uma intervenção pedagógica capaz de desconstruir a efetivação dos preconceitos é necessário uma disposição dos sujeitos envolvidos com o cotidiano escolar como os(as) professores(as), coordenadores(as), diretores(as) e todos os outros funcionários, ou seja, é necessário

que a organização escolar esteja disposta a rever seus posicionamentos e tenha determinação para assumir suas atitudes discriminatórias vislumbrando sua superação, primeiramente, em cada uma dessas pessoas desdobrando-se, então, para os(as) alunos(as).” (CONCLUSÃO, p.82)

DESTAQUES: “É necessária a compreensão de que as diferenças entre os grupos étnico-raciais e de gênero não podem ser tratadas estritamente como um fenômeno natural e irreversível, pois estas, por se construírem como uma construção cultural e social, podem ser transformadas necessitando neste caso de uma intencionalidade objetiva.” (INTRODUÇÃO, p.11)

“A escola é um espaço onde todos os conflitos do meio social fazem-se presentes de forma muito significativa. Neste sentido, os preconceitos de etnia/raça e de gênero, encontram-se articulados, sendo percebidas, então, atitudes discriminatórias por parte dos(as) alunos(as) e professores(as) que acabam limitando as possibilidades de construção do saber das pessoas e grupos que tornam-se o objeto do preconceito colaborando, assim, com a reprodução das desigualdades sociais dentro do ambiente escolar.” (INTRODUÇÃO, p.12)

NÚMERO: 3

TÍTULO: RELAÇÕES DE GÊNERO NAS TURMAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

DATA: 2002

AUTORA/R: Edriane Silva Pereira

ORIENTADORA/R: Lenir Miguel de Lima

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Turma Mistas

DEMANDAS: Pessoal: nas aulas de Educação Física escolar (na própria vida)

OBJETIVOS: Identificar os motivos que levam professores e professoras de Educação Física a separarem as turmas mistas nas aulas práticas.

(INTRODUÇÃO, p.9)

RESULTADOS: “Professores e professoras, alunos e alunas – acreditamos serem estes os sujeitos capazes de mudarem o atual quadro em que se encontram as turmas mistas de Educação Física. Professores/as só precisam de incentivo, de uma nova direção, discutida e esclarecida. Precisam de oportunidades para compreender que são agentes de transformação, sujeitos ativos na sociedade.”

“Conscientizar-se de tradições e valores construídos dentro de sua história de vida é uma grande batalha a ser travada por eles e elas. É preciso mudar, a começar de nós mesmos, refletindo sobre nossas ações cotidianas dentro e fora da escola. Somos capazes, apesar de limitados pela incerteza. Ter a convicção de onde queremos chegar deve ser o ponto de partida para que nós, professores/as e alunos/as, possamos construir novas relações de gênero nas turmas mistas de Educação Física escolar, fazendo das diferenças um motivo para buscarmos viver em harmonia, uns respeitando os limites dos outros.”

DESTAQUES: “Sabemos que o cotidiano escolar tem sido marcado fortemente por discriminações de todas as “espécies”, seja de raça, gênero, posição social, obesidade, etc. Na Educação Física estas discriminações são ainda mais frequentes, pelo fato de acontecer a expressão corporal e contato físico. E quando estas discriminações interferem nas aulas, o que os professores têm feito? Restringindo-me às relações de gênero; quais as discriminações surgidas e quais as atitudes dos professores em relação aos meninos e às meninas. A relação entre meninos e meninas tem sido conflitante e as turmas mistas de Educação Física escolar não se caracterizam como aulas mistas, mas voltam ao tradicional modelo de aulas sexistas, com conteúdos centrados apenas nos desportos.”

NÚMERO: 4

TÍTULO: ESPORTE ESCOLAR: DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO ESPORTE

DATA: 2006

AUTORA/R: Debora Regina Dias dos Santos

ORIENTADORA/R: Nivaldo Antonio Nogueira David

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Escola-Esporte

DEMANDAS: Acadêmica: Pesquisa relevante para os educadores do corpo.

Pessoal: “Como mulher, pesquisadora, atleta e futura educadora, penso que os conhecimentos fundados numa base crítica são elementos imprescindíveis para que se compreendam melhor quais os caminhos devem ser percorridos por todos os educadores que almejam mudanças da prática educacional de nosso país, principalmente aquelas que mantêm-se reforçando a desigualdade entre raça, gênero, credo, opção sexual, dentre outros aspectos na vida social.”

(INTRODUÇÃO) p.8

OBJETIVOS: Identificar e analisar de que forma a mulher se integra, compreende e reflete criticamente acerca da posição feminina dentro das relações existentes no âmbito do esporte no cotidiano da vida escolar. (INTRODUÇÃO) p. 9

RESULTADOS: “A conclusão que chegamos é que a mulher está conseguindo se integrar e ocupar melhor sua posição dentro da prática esportiva, embora tenha que enfrentar inúmeros preconceitos, tanto por parte do homem como dela mesma.” P.77

DESTAQUES: “A escola, lugar construído historicamente para lidar com o saber e com a reflexão sobre os diferentes saberes sociais e culturais, continua apenas assistindo passivamente o conflito de gênero estabelecido entre os principais atores no seu cotidiano; já o professor, o principal mediador dos conhecimentos educacionais, com raras exceções vem mantendo-se ausente de contribuir com a sua parte na mediação crítica sobre estas questões. Além de não cumprir com a missão educativa de refletir sobre a realidade, o professor reforça a reprodução ideológica, a seleção dos conteúdos para cada sexo e a divisão de turma obedecendo à velha concepção biologicista de desqualificar a mulher dentro das práticas sociais e esportivas.” P. 78

“A conclusão que chegamos é de que os preconceitos e os valores sobre a situação das mulheres iniciam-se no ambiente familiar, mas se estende pelos demais elementos constitutivos da cultura permeando os grupos e coletivos sociais, tendo a questão do sexo o foco central da ação discriminatória. É a partir do sexo que são estabelecidos os limites, os papéis, as funções e o domínio do poder do homem sobre a mulher e/ou do menino sobre a menina, do nascimento biológico até a expressão simbólica mais sutil da vida sócio-cultural.” P.82

NÚMERO: 5

TÍTULO: GÊNERO E ESPORTE: AS RELAÇÕES ENTRE O ESPORTE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA

DATA: 2008

AUTORA/R: Elker de Oliveira Lourenço

ORIENTADORA/R: Aline Da Silva Nicolino

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Escola-Esporte

DEMANDAS: Vivências pessoais e de experiências durante o curso de Educação Física, observando que práticas corporais são realizadas de maneira separada por meninos e meninas, direcionamento vindo de professores e também de alunos. (INTRODUÇÃO) p.11

OBJETIVOS: Investigar o esporte como uma atividade de fundamental importância na construção da identidade masculina de alunos do Ensino Fundamental de Goiânia e identificar a perspectiva destes

alunos acerca do esporte como componente na construção da identidade masculina, realizando discussão de gênero, esporte e estereótipos construídos socialmente para algumas modalidades. (INTRODUÇÃO) p. 11

RESULTADOS: “Grande parte dos alunos respondeu que o esporte é para todos e não interfere na sexualidade da pessoa. No entanto, observamos certa contradição entre essas respostas e as práticas esportivas praticadas por eles, pois a maioria das meninas prefere esportes que não envolvam contato físico, como voleibol e natação, ou não praticam nenhum esporte. Enquanto que os meninos responderam praticar futebol e handebol, esportes que envolvem força física e contato.” P.40

Concluiu que os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência interferem na construção da identidade masculina, pois as praticas esportivas com essas características estão presentes no cotidiano dos alunos do sexo masculino e tem uma grande importância em suas relações sociais, sejam elas na escola, na família ou com os colegas. (CONCLUSÃO) p. 41

DESTAQUES: “Percebemos com isso, que parece existir uma corrente de pensamento que busca a não classificação dos esportes quanto aos sexos, defendendo a igualdade de oportunidades e direitos para todos, porém grande parte da sociedade ainda apresenta uma grande resistência em aceitar, que homens realizem atividades esportivas tidas como femininas e que mulheres pratiquem esportes considerados masculinos.” P.34

NÚMERO: 6

TÍTULO: PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, GÊNERO E SEXUALIDADE: A QUESTÃO DOS CONTEÚDOS

DATA: 2010

AUTORA/R: Dennia Pasquali e Cabral

ORIENTADORA/R: Ana Márcia Silva

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Conteúdos

DEMANDAS: Não específica, mas apenas apresenta sobre as diferenças e desigualdades de gênero e sexualidade dentro da escola.

OBJETIVOS: Identificar e analisar se os critérios de escolhas dos conteúdos das aulas de Educação Física na rede pública do ensino fundamental da cidade de Goiânia e o seu trato pedagógico, reforçam distinções e preconceitos, como o sexismo e a heteronormatividade.

(INTRODUÇÃO, p.10)

RESULTADOS: Entender e difundir as políticas públicas relacionadas a gênero e sexualidade constitui-se como um meio para o enfrentamento e transformação das atuais formas vigentes em que são classificadas e construídas o corpo e todas as suas expressões sociais. Outras maneiras também são válidas e importantes como as mudanças nas condições concretas da escola, em termos de estrutura, além de políticas adequadas que assegurem salários dignos, plano de carreira docente, além de formação inicial e continuada de qualidade, permitindo que o trabalho pedagógico possa ser desenvolvido adequadamente.

(CONCLUSÃO, p. 58)

DESTAQUES: É possível perceber que as temáticas de gênero e sexualidade interferem diretamente nas aulas de Educação Física no ensino básico, o que, no entanto, são por vezes ocultadas ou passam despercebidas na prática pedagógica. Outra constatação dentre o(a)s professores(a)s pesquisado(a)s é o pequeno acesso ou conhecimento das legislações brasileiras e da produção acadêmica que se voltam à educação, além de diretrizes mais gerais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que dialogam com as temáticas de forma transversal.

(CONCLUSÃO, p.56)

“O(a)s escolares, segundo o(a)s professores(a)s, não aceitam fazer determinadas práticas tidas como masculinas ou femininas devido aos estigmas construídos pela sociedade. Quando algum(a) escolar se propõe a realizar as atividades propostas, o restante da turma manifesta-se com frases carregadas de preconceitos referentes a homossexualidade e masculinização e /ou feminilização dos corpos. O(a)s professores(a)s alegam que os meninos não querem fazer atividades que envolvam a dança e as meninas não querem fazer atividades que envolvam o futebol.” P.49

NÚMERO: 7

TÍTULO: POLÍTICAS PÚBLICAS, GÊNERO E SEXUALIDADE: CONFLITOS E ESTIGMAS VIVENCIADOS NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO

DATA: 2010

AUTORA/R: Valleria Araújo De Oliveira

ORIENTADORA/R: Aline da Silva Nicolino

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Políticas Públicas

DEMANDAS: Pessoal

OBJETIVOS: Abordar as políticas públicas no que tange as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar. P 8

“Nesse sentido, objetivou-se, com esta pesquisa, verificar quais os aparatos legais que buscam garantir a igualdade de gênero e sexualidade no âmbito escolar, e se os mesmos vêm cumprindo tal papel na concepção dos professores e professoras de Educação Física. Objetivou-se, também, compreender como estas políticas influenciam a formação e as práticas educativas dos professores e professoras de Educação Física relacionadas a essas temáticas. Sendo assim, este projeto tem o intuito de conhecer os percalços do enfrentamento desse preconceito dentro da rede pública de ensino, almejando contribuir para a igualdade de oportunidade a partir das políticas públicas.” P. 12

RESULTADOS: “Esta pesquisa verificou em que medida as políticas educacionais e as concepções vinculadas às discussões de gênero e sexualidade influenciam nas ações pedagógicas de professores e professoras de Educação Física de escolas municipais, estaduais e conveniadas da cidade de Goiânia.” P. 83

“Deste modo, ao analisar os documentos que são elaborados com o objetivo de nortear a prática pedagógica dos professores e professoras, pudemos observar que, mesmo que minimamente, as temáticas gênero e sexualidade são apontadas como abordagens a serem trabalhadas nas escolas, de modo que identificou-se que há uma preocupação que perpassa as discussões de gênero e sexualidade, bem como um ponto de partida para se pensar nestas problemáticas.

Em contrapartida, identificamos que, embora existam referências e indicações para abordagem dessas questões, não há apontamentos para nortear a abordagem dessas problemáticas nas instituições de ensino regular, assim como não há um norte e um trabalho contínuo para serem efetivados os direitos humanos. Desse modo, essas abordagens ficam a cargo do interesse, das possibilidades de cada escola, educador (a) e governo.” P. 83-84

DESTAQUES: Cabe indagar em que medida não acontece essa garantia social devido ao fato de as políticas públicas não reconhecerem concretamente a importância dos educadores e educadoras, e darem subsídios para que as escolas problematizem essas temáticas. Ainda que existam políticas públicas voltadas para essas temáticas no âmbito escolar, foi possível identificar que apenas um pequeno porcentual dos professores (as) considera-se preparado para lidar com as situações envolvendo as relações de gênero e sexualidade. Trata-se, então, de uma situação preocupante, pois diz respeito à formação humana de crianças e jovens. P 85

NÚMERO: 8

TÍTULO: SEXUALIDADE NA ESCOLA: QUAIS AS PERSPECTIVAS DOCENTES PARA ORIENTAÇÃO SEXUAL HOMOAFETIVA?

DATA: 2011

AUTORA/R: Adoracino Vaz de Jesus

ORIENTADORA/R: Aline da Silva Nicolino

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Homoafetiva

DEMANDAS: Pessoal: acontecimentos no contexto escolar e na vida pessoal no pesquisador.

OBJETIVOS: Identificar qual o entendimento que as/os professoras/es possuem sobre homossexualidade e sexualidade e se consideram que fatores sociais (como religião, família, trabalho etc.) influenciam nesse entendimento e quais esses fatores. INTRODUÇÃO, p.12

RESULTADOS: “É importante que se discuta em sala de aula, na escola, também sobre questões ligadas a orientação sexual, no sentido de afetividade, homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade etc. no sentido de minimizar preconceitos e de esclarecimento. E se há essa discriminação em relação a esses temas e/ou à indivíduos de orientações sexuais diferentes é importante investigar o motivo da mesma para assim poder elaborar estratégias de combate, não somente discriminação em relação a homossexualidade, mas a diversidade sexual e a qualquer tipo de preconceito ou discriminação. É necessário fazer com que a escola seja um lugar onde a educação aconteça objetivando a formação do indivíduo para que saiba viver em sociedade tendo consciência dos seus direitos e respeitando os direitos dos outros. No que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico da escola, não foi observado nenhuma ação ou projetos que fosse voltado para a temática da sexualidade, muito menos para a discussão da diversidade sexual e das orientações sexuais. Conclui-se então que não há como ter contribuição para combater ou esclarecer sobre discriminação, preconceito etc. se não há projetos que trabalhem nessa lógica.”

“Enfim, a pratica docente exige muito mais que uma formação na área em que se pretende atuar, é necessário que haja a preocupação com o que estará presente no cotidiano escolar, não se preocupando apenas na transmissão do saber científico específicos da disciplina que ministra, mas na formação do indivíduo como um todo. É necessário buscar meios para que se tenha acesso as ações voltadas para a temática da sexualidade como por exemplo oficinas com as/os docentes com profissionais que trabalham com essas temáticas. Além disso são realizados em nosso estado e cidade de Goiânia congressos, seminários, conferencias etc. que são abertos ao público e que abordam questões importantes como discriminação em vários aspectos, homofobia e muitos outros, que são gratuitos e podem ser de mais simples acesso à conhecimentos dessas temáticas.” CONCLUSÃO p.35

DESTAQUES: “Este trabalho é dedicado aos meus pais, que infelizmente não o lerão, não por não se interessarem, mas por ainda não aceitarem público e socialmente que um sujeito pode e tem o direito de viver em sociedade sem ser vitima de preconceito e discriminação por sua orientação sexual.” (DEDICATÓRIA)

“Nesse sentido, Altmann (2001) explica que podemos considerar que a escola, sendo um lugar de discussão, formação e informação, ou pelo menos deveria ser, traz alguns elementos que deveriam ser discutidos, e um deles é a sexualidade, que deveria constar nos currículo e presente nas praticas pedagógicas dos professores a fim de esclarecer e minimizar pré-conceitos acerca da sexualidade humana. O que na maioria das vezes acontece é que a sexualidade é tratada no viés da orientação para a sexualidade no sentido do sexo, do ato sexual e suas consequências, ou seja, se trata mais de um caráter de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez etc., prevalecendo o caráter biologicista.” INTRODUÇÃO, p.12

NÚMERO: 9

TÍTULO: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: PROBLEMATIZANDO O TEMA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DATA: 2012

AUTORA/R: Aline Rodrigues Bernardo

ORIENTADORA/R: Aline da Silva Nicolino

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Gênero E Sexualidade

DEMANDAS: Leituras, diálogos e questionamentos durante as reuniões semanais do Labphysis. E também pela participação como bolsista de iniciação científica numa escola da rede pública municipal de Goiânia.

OBJETIVOS: Identificar se nas aulas de Educação Física de uma escola municipal de Goiânia, há conteúdos referentes a gênero e sexualidade em sua fundamentação teórica e prática, e como essas aulas substanciam esse conteúdo.

Específico: identificar e mapear o que se discute sobre o tema educação sexual na escola pesquisada; identificar as principais demandas sobre a temática a partir do olhar da professora, coordenadora pedagógica e direção, comparando suas implicações com o contexto social da escola analisada; confrontar e analisar as falas das secretarias de educação e saúde, e centro de formação municipal de educação de Goiânia, as falas das entrevistas realizadas na escola pesquisada. (INTRODUÇÃO, p.11)

RESULTADOS: Este estudo identificou que na escola pesquisada e, conseqüentemente nas aulas de Educação Física os temas gênero, sexualidade e educação sexual, na maior parte das vezes só são discutidos de forma paliativa e esporadicamente, visto que a discussão acontece somente quando alguma situação “problema” é apresentada. Tais temas entram no ambiente escolar por meio da prevenção, do tratamento, da medicalização e da higiene, e na maioria das vezes é discutido unicamente na disciplina de Ciências. O que nos remete ao nosso objetivo geral citado anteriormente, onde fica explícito que nas aulas de educação física dessa escola o tema em foco não é discutido durante as mesmas.

(CONCLUSÃO, p.40)

Formação, família, religião, falta de políticas públicas e apoio institucional.

DESTAQUES:

NÚMERO: 10

TÍTULO: EDUCAÇÃO FÍSICA E INFÂNCIA: DIALOGANDO A CATEGORIA GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM GOIÁS

DATA: 2018

AUTORA/R: Tássia Gomes Moreira

ORIENTADORA/R: Aline Silva Nicolino

CURSO: Licenciatura

DISCUSSÃO: Educação Infantil

DEMANDAS: Pessoal - (...) motivada pelo meu pouco conhecimento sobre como tratar pedagogicamente com o conhecimento da Educação Física com crianças pequenas (0 a 5 anos e 11 meses)”. p.6 INTRODUÇÃO

JUSTIFICATIVA: Esta pesquisa se justifica, em parte, pela minha experiência com o gênero na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório IV, realizada no curso de licenciatura em Educação Física, em que a prática pedagógica foi desenvolvida na Educação Infantil, com crianças de 3-4 anos. Durante a realização do estágio percebi que apesar da tenra idade das crianças, elas carregavam alguns discursos de gênero, que podem ser reforçadas ou desconstruídas através da prática pedagógica de seus/suas professores/as. Justifica-se também, porque de acordo com Felipe e Guizzo (2008, p. 31) “muitos são os estudos produzidos sobre a infância e sua respectiva educação, porém, nota-se, poucos

estudos sobre a construção das identidades de gênero e identidades sexuais na infância” P.6
INTRODUÇÃO

No campo da Educação Física, esta pesquisa se justifica por compreender que, assim como qualquer outra estrutura social, este campo constitui-se como um dos “espaços de generificação, não porque reflete as desigualdades e diferenciação da sociedade em geral, mas, fundamentalmente, porque a produz e reproduz” (GOELLNER, 2013, p. 29). Significa pensar, portanto, que certas práticas corporais e esportivas não são naturalmente exclusivas de determinado sexo, e que são resultantes de uma construção social e cultural. Como exemplo, podemos citar o discurso que meninas são fracas e não são habilidosas e os meninos naturalmente se interessam pela prática esportiva, pelo fato do esporte estar vinculado a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa (ALTMANN; SOUSA, 1999). P.7

OBJETIVOS: “investigar as questões de gênero que permeiam a prática docente na Educação Física Infantil, por meio do levantamento de estudos acadêmicos produzidos sobre o assunto, isto é, busca-se identificar quais os discursos de maior circulação no campo da Educação Física Infantil sobre gênero (quem escreve sobre o assunto e o quê), além da vivência pedagógica em um departamento de Educação Infantil no período de dois meses, correspondentes aos meses de setembro a novembro do ano de 2017.” P.6 INTRODUÇÃO

RESULTADOS: Frente a estes debates, podemos concluir que o papel docente é fundamental para criar “ações específicas de combate às discriminações e que não contribua para a reprodução das desigualdades que persistem em nossa sociedade” (NOGUEIRA, 2015). Isto porque, de acordo com Altmann e Sousa (1999, p. 63) “a postura docente é uma referência que contribui como meninas e meninos agem e se relacionam entre si”. Nesse sentido, uma intervenção mediadora, contestadora e emancipatória é capaz de não reforçar e reproduzir as posições estabelecidas para homens e mulheres, considerados na nossa sociedade como algo natural e irreversível. p.60

“Podemos afirmar também, a partir da minha experiência na graduação de Educação Física em uma Universidade pública do estado de Goiás, que não existe nenhuma disciplina curricular obrigatória que aborde a temática gênero durante a formação acadêmica, em consonância com outras realidades dos Estados do Brasil. Acreditamos que isto justifica a quantidade limitada de artigos sobre o tema encontrados e de nenhum ter sido produzido a partir da realidade do Estado de Goiás. Nesse contexto, o presente estudo se preocupa em retratar a realidade do Estado de Goiás, e devido a isto que ele se apresenta como relevante.” p.61

Esperamos que o presente estudo contribua para incentivar novas investigações sobre o gênero na Educação Física Infantil, e que suas análises possam trazer novas inferências sobre crianças de contextos diversos. p.61

DESTAQUES: “Não observamos, no entanto, nenhuma divisão de meninos e meninas dentro da rotina escolar ou notado algum comportamento docente que reforce os estereótipos de gênero, no tempo de permanência que tivemos neste departamento. Por isso, acreditamos que os discursos de gênero que se apresentaram durante nossas vivências pedagógicas, estejam relacionados ao contexto social dessas crianças, para além dos muros da instituição.” p.58

“Podemos concluir, portanto, que as situações sobre a temática gênero são diárias e constantes no trabalho pedagógico com crianças pequenas, seja elas nas aulas de Educação Física como no contexto geral da instituição. Com isto, reafirmamos a necessidade que professores/as tenham contato com este debate, na educação inicial e/ou continuada, para estar melhor preparado para intervir nestas situações.” p.58 e 59